

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PRODUÇÃO EDITORIAL

Márcia Zanin Feliciani

**HUMOR E ÓDIO BIOPOLÍTICO: A CIRCULAÇÃO DOS VÍDEOS DO  
PERSONAGEM BOLSONARO PELA PÁGINA DE BOLSONARO NO  
FACEBOOK**

Santa Maria, RS  
2018

**Márcia Zanin Feliciani**

**HUMOR E ÓDIO BIOPOLÍTICO: A CIRCULAÇÃO DOS VÍDEOS DO  
PERSONAGEM BOLSONARO PELA PÁGINA DE BOLSONARO NO  
FACEBOOK**

Trabalho apresentado ao Curso de  
Comunicação Social – Produção Editorial da  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM),  
como requisito parcial para obtenção do título  
de **Bacharela em Comunicação Social –  
Produção Editorial**.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Aline Roes Dalmolin  
Co-orientadora: Diosana Frigo

Santa Maria, RS  
2018

**Márcia Zanin Feliciani**

**HUMOR E ÓDIO BIOPOLÍTICO: A CIRCULAÇÃO DOS VÍDEOS DO  
PERSONAGEM BOLSONABO PELA PÁGINA DE BOLSONARO NO  
FACEBOOK**

Trabalho apresentado ao Curso de  
Comunicação Social – Produção Editorial da  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM),  
como requisito parcial para obtenção do título  
de **Bacharela em Comunicação Social –  
Produção Editorial**.

**Aprovado em 06 de dezembro de 2018:**

---

**Aline Roes Dalmolin, Dra. (UFSM)**  
(Presidenta/Orientadora)

---

**Diosana Frigo, Jornalista (UFSM)**

---

**Rejane Pozzobon, Dra. (UFSM)**

---

**Herivelton Regiani, Me. (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2018

## AGRADECIMENTOS

Agradeço:

- à pessoa sem a qual eu provavelmente teria desistido da Produção Editorial ainda nos primeiros semestres: meu namorado, Lucas. Muito obrigada por todas as vezes em que ouviu as minhas reclamações, me abraçou forte e me deu o ombro para chorar; me auxiliou a respirar e encontrar uma saída quando eu, sozinha, não consegui; e, principalmente, por sempre ter acreditado em mim, mesmo quando eu não acreditei;

- à minha família, por não ter medido esforços para me manter em Santa Maria e ter me encorajado mesmo não tendo muita segurança quanto à minha opção de curso e ao futuro que ela me garantiria;

- ao Drogo, por ter sido a minha companhia de todas as horas e apenas por ser tão fofinho, o que já é capaz de melhorar qualquer dia. Àquelas pessoas que dizem que gato não se importa com o dono e àquelas que acham que gato preto dá azar, eu digo que, sem o meu e todo o carinho que ele me dá, esse processo teria sido muito mais difícil;

- à família do Lucas, por ter me acolhido como parte dela e me auxiliado de tantas maneiras possíveis durante esses anos;

- à Laura e à Valéria, os dois maiores achados da minha graduação. Obrigada por todos os estresses, ansiedades, dúvidas, risadas, deboches, livros, séries, filmes, materiais, dinheiros, comidas e trabalhos no Drive compartilhados. Obrigada também por sempre terem sido compreensivas com o meu jeito meio torto de expressar meus sentimentos;

- à Luiza, à Geórgia, à Anita, à Marina e à Gabriela. Gostaria que tivéssemos nos aproximado mais cedo, porque me tornar amiga de vocês foi uma das coisas mais legais que me aconteceram nesses anos. Que venham muitas comilanças, bebedeiras, carnavais, choros, brigas com pessoas aleatórias e conversas sobre filmes, séries e livros juntas, ainda mais se for sobre Game of Thrones;

- à Aline, minha orientadora. Muito obrigada por sempre ter recebido com animação as minhas sugestões, proposições e mesmo aleatoriedades; por ter sido compreensiva com o meu processo e, especialmente, com as minhas paranoias; por me ensinar que chamar o Bolsonaro de homofóbico poderia não cair muito bem em um trabalho científico, mas que eu deveria, com certeza, indicar caso alguma frase proferida por ele discriminasse alguém por sua sexualidade; e, principalmente, obrigada por me mostrar desde sempre que fazer pesquisa não é conceber o trabalho mais maravilhoso e perfeito e impecável do mundo, mas sim apresentar o melhor resultado possível dentro das minhas condições. Por ter me ensinado isso e muito mais em todos

esses anos, Aline, obrigada. Tu és um exemplo de professora, pesquisadora, mãe, mulher e ser humano para mim;

- à Diosana, que não foi só minha co-orientadora nesta empreitada, mas também uma amiga. Que felicidade ter podido compartilhar anseios, inquietações, frustrações, alegrias, conquistas e fofocas jaguarienses contigo neste ano. Se eu me tornar um pedacinho da mulher e da comunicóloga que tu és, já estarei bem contente;

- à Marina, à Francys e à Leandra, pelas diversas figurinhas trocadas, pela parceria nos eventos em cidades aleatórias e pelo consolo conjunto nos momentos de dificuldades com as pesquisas (e com a situação do país);

- à Débora, por ter sido uma das pessoas que mais me incentivou e inspirou durante a graduação;

- a todos os professores e professoras da graduação e da escola, que não vou citar por receio de esquecer de alguém. Apenas saibam que a Márcia que termina essa etapa hoje foi (des)construída com a ajuda de cada um de vocês;

- e, por fim, à UFSM como um todo. Sou extremamente grata por ter podido estudar em uma instituição de excelência como essa. Por ter assistido às minhas aulas em salas com ar-condicionado e internet; por ter feito refeições completas por valores mínimos; por ter tido a oportunidade de vivenciar as práticas profissionais do meu curso através de bolsas nos mais diferentes setores; por ter recebido todo o incentivo e apoio financeiro nas viagens para eventos; e, em especial, por ter podido conhecer pessoas novas, sair da minha bolha e expandir os horizontes da minha mente – não só como acadêmica, mas principalmente como ser humano.

Gostaria de ressaltar o quão difícil foi finalizar este trabalho. É bastante frustrante dedicar todo o conhecimento adquirido durante quatro anos à crítica a uma personalidade política e aos discursos que compartilha para ver que grande parte dos brasileiros concorda com eles. Mas, se me empenhei em seguir em frente e entregar o melhor resultado possível, com todo o meu coração nele, foi por todos vocês. Esse trabalho é muito mais de vocês do que meu.

*“O Ur-Fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes. Nosso dever é desmascará-lo e apontar o indicador para cada uma de suas novas formas – a cada dia, em cada lugar do mundo.”*

*(Umberto Eco)*

*“Permito-me recordar a composição do cartaz de divulgação do evento: envolvido em fundo negro, e recordemos que negra era a cor da vestimenta dos fascistas italianos, o cartaz ressaltava uma fotografia de Michel Foucault sorrindo e olhando frontalmente para o espectador da imagem. Penso que a composição, extremamente feliz, sugeria que o enfrentamento político da vida fascista na atualidade deveria passar pela coragem de olhar o fascismo contemporâneo de frente e sorrir dele, como que recomendando o sorriso espirituoso enquanto poderosa arma intelectual, capaz de questionar e impor o descrédito e a derrisão às pretensões da vida fascista.”*

*(André de Macedo Duarte)*

## RESUMO

### **HUMOR E ÓDIO BIOPOLÍTICO: A CIRCULAÇÃO DOS VÍDEOS DO PERSONAGEM BOLSONABO PELA PÁGINA DE BOLSONARO NO FACEBOOK**

AUTORA: Márcia Zanin Feliciani

ORIENTADORA: Aline Roes Dalmolin

CO-ORIENTADORA: Diosana Frigo

Este trabalho objetiva analisar como se dá a circulação de sentidos acerca do ódio biopolítico a partir de postagens de humor feitas pelo presidente eleito Jair Bolsonaro em sua página no Facebook durante o ano de 2017. As publicações remetem ao quadro Mitadas do Bolsonabo, do programa Pânico na Band, no qual o humorista Márvio Lúcio (Carioca) ia às ruas caracterizado de forma semelhante a Bolsonaro e respondia às perguntas dos espectadores. Partimos dos conceitos de mediatização, circulação (BRAGA, 2006, 2012; FAUSTO NETO, 2008, 2010), humor (BERGSON, 2018; GRUDA, 2013), biopolítica (FOUCAULT, 1988, 1999; PELBART, 2009; AGAMBEN, 2002) e discurso (FOUCAULT, 2014; ORLANDI, 2005) para demonstrar como o humor pode carregar marcas de um ódio de caráter biopolítico contra determinados grupos sociais. A metodologia empregada é a Análise do Discurso (FOUCAULT, 2014; ORLANDI, 2005): em um primeiro momento, analisamos o conteúdo dos vídeos compartilhados pelo presidente eleito, e, em um segundo, os comentários dos usuários a respeito deles. Observamos que, nos vídeos, a grande maioria das piadas é relacionada a mulheres, gays, aparência física ou atuação dos espectadores. Já nos comentários, percebemos que o ódio é destinado predominantemente à esquerda política – ora tratada como uma “entidade”, ora personificada em políticos e, por fim, personificada em usuários específicos.

**Palavras-chave:** Mediatização. Circulação. Jair Bolsonaro. Humor. Ódio biopolítico.

## ABSTRACT

### HUMOR AND BIOPOLITICAL HATE: THE CIRCULATION OF BOLSONABO'S VIDEOS ON THE BOLSONARO'S FACEBOOK PAGE

AUTHOR: Márcia Zanin Feliciani

ADVISOR: Aline Roes Dalmolin

CO-ADVISOR: Diosana Frigo

This work aims to analyze how the circulation of meanings about biopolitical hate occurs from humor posts made by president-elect Jair Bolsonaro on his Facebook page during 2017. The publications refer to the presentment "Mitadas do Bolsonaro", from the program Pânico na Band, in which the comedian Márvio Lúcio (Carioca) went to the streets characterized in a similar way to Bolsonaro and answered the spectators' questions. We part of the concepts of mediatization, circulation (BRAGA, 2006, 2012, FAUSTO NETO, 2008, 2010), humor (BERGSON, 2018, GRUDA, 2013), biopolitics (FOUCAULT, 1988, 1999; PELBART, 2009; AGAMBEN, 2002) and discourse (FOUCAULT, 2014; ORLANDI, 2005) to demonstrate how humor can bears marks of a biopolitical hate against certain social groups. The methodology used is Discourse Analysis (FOUCAULT, 2014; ORLANDI, 2005): in a first moment, we analyze the content of the videos shared by the president-elect, and, in a second, the users' comments about them. We observed that, in the videos, the great majority of the jokes is related to women, LGBTs, physical appearance or performance of the spectators. In the comments, we perceived that the hate is destined predominantly to the political left – as an "entity", personified in politicians and, finally, personified in specific users.

**Keywords:** Mediatization. Circulation. Jair Bolsonaro. Humor. Biopolitical hate.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Relação das postagens e suas informações. ....	53
---	----

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O agora Presidente da República Federativa do Brasil Jair Bolsonaro.....	25
Figura 2 – Marcelo Adnet em sua imitação de Jair Bolsonaro.....	31
Figura 3 – Capa do último episódio da série Zumbis em Brasília.....	32
Figura 4 – O humorista Márvio Lúcio (Carioca).....	48
Figura 5 – Carioca caracterizado como Bolsonabo. ....	49
Figura 6 – As principais figuras do Mitadas do Bolsonabo. ....	51
Figura 7 – Espectadores tomados como objeto de deboche por sua aparência no episódio 7 do quadro. ....	60
Figura 8 – Espectador tomado como objeto de deboche por sua aparência no episódio 11 do quadro. ....	62
Figura 9 – Espectadores tomados como objeto de deboche por sua aparência no episódio 14 do quadro. ....	64
Figura 10 – Comentário de exaltação à publicação dos vídeos por Bolsonaro. ....	70
Figura 11 – Comentário que compara a atitude de Bolsonaro à de “outros políticos”.....	70
Figura 12 – Comentário que compara a atitude de Bolsonaro à que os “esquerdistas” teriam na mesma situação.....	71
Figura 13 – Comentário que atribui a audiência do Pânico ao quadro de Carioca.....	71
Figura 14 – Comentário que sugere que o Mitadas do Bolsonabo estaria “endireitando” o apresentador-chefe, Emílio.....	72
Figura 15 – Comentário que contrapõe o posicionamento “de direita” de Carioca ao “de esquerda” de Zé Pequeno. ....	72
Figura 16 – Comentário que tranquiliza Bolsonaro com relação à imitação por Carioca apoiá-lo. ....	72
Figura 17 – Comentário que afirma que Bolsonaro é a única opção para “dedetizar” o Brasil. ....	73
Figura 18 – Comentário de descontentamento com os “vagabundos” de esquerda. ....	73
Figura 19 – Comentário de questionamento sobre as medidas de Bolsonaro para a segurança. ....	74
Figura 20 – Comentário de crítica à esquerda e ao feminismo. ....	74
Figura 21 – Comentário no qual a recepção dos vídeos por Bolsonaro é comparada à que Lula supostamente teria. ....	75

Figura 22 – Comentário que atribui o não-compartilhamento de conteúdos cômicos por Lula ao fato de que eles não existem. ....	75
Figura 23 – Comentário no qual a recepção dos vídeos por Bolsonaro é comparada à que Maria do Rosário supostamente teria. ....	76
Figura 24 – Comentário no qual a recepção dos vídeos por Bolsonaro é comparada à que Maria do Rosário teve, com base na disputa judicial entre ela e Danilo Gentili. ....	76
Figura 25 – Comentário que atribui a dificuldade de outro interagente em formular seu pensamento ao mesmo “analfabetismo” de Lula. ....	77
Figura 26 – Comentário que alega que a opção dos gays era voltar-se a Lula, visto que, se eleito, Bolsonaro iria “extingui-los”. ....	77
Figura 27 – Comentário no qual o usuário afirma que tanto Bolsonaro como ele não gostam de “viados”. ....	78
Figura 28 – Comentário no qual Patrícia Lellis é chamada de “vagabunda” por fazer campanha contra Bolsonaro. ....	79
Figura 29 – Comentário que faz referência ao opositor político como “zumbi”. ....	80
Figura 30 – Comentário que explora a feminilidade e a homossexualidade como formas de desqualificar o interagente. ....	80
Figura 31 – Comentário que expõe o perfil do “opositor” para os demais. ....	81
Figura 32 – Comentário que sugere que o interagente mude-se para a Venezuela, já que é adepto do socialismo. ....	81
Figura 33 – Comentário que sugere que o interagente seria manipulado por pensar da forma que pensa. ....	81
Figura 34 – Comentário que chama o interagente e os petistas de burros através de uma imagem. ....	82

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 PROCESSO DE MUDIATIZAÇÃO DA POLÍTICA</b> .....	17
2.1 O QUE É A MUDIATIZAÇÃO? .....	17
<b>2.1.1 O grande trunfo da mudiatização: a circulação</b> .....	23
2.2 O PAPEL DA MUDIATIZAÇÃO E DA CIRCULAÇÃO NO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO.....	25
<b>3 O DISCURSO HUMORÍSTICO COMO DISSEMINADOR DE ÓDIO BIOPOLÍTICO</b> .....	34
3.1 AS DIFERENTES FACES DO HUMOR.....	34
3.2 COMO CHEGAMOS À IDEIA DE “ÓDIO BIOPOLÍTICO”? .....	37
3.3 A FORMA PELA QUAL O ÓDIO SE REPRODUZ: O DISCURSO .....	42
<b>4 EVIDENCIANDO O ÓDIO BIOPOLÍTICO: A ANÁLISE</b> .....	47
4.1 O PERSONAGEM E SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO .....	47
4.2 A CIRCULAÇÃO DO PERSONAGEM NA PÁGINA DE BOLSONARO NO FACEBOOK.....	52
<b>4.2.1 “Juro que ele não se inspira em mim...”</b> .....	58
<b>4.2.2 “Eu tenho! Você não tem!”</b> .....	60
<b>4.2.3 “Eu sou o que?” “Viado!”</b> .....	63
<b>4.2.4 “Se seu filho...”</b> .....	65
4.3 O QUE OS USUÁRIOS DIZEM .....	69
<b>4.3.1 Ódio biopolítico direcionado à esquerda “entidade”</b> .....	70
<b>4.3.2 Ódio biopolítico direcionado a personalidades políticas de esquerda</b> .....	74
<b>4.3.3 Ódio biopolítico direcionado a usuários de esquerda</b> .....	79
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	84
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	86

## 1 INTRODUÇÃO

O cômico teve um papel de destaque nas eleições presidenciais de 2018. Marcelo Adnet fez sucesso com seu Tutorial dos Candidatos; André Guedes, com seus Zumbis em Brasília. Isso sem contar a infinidade de memes<sup>1</sup> que circularam nas redes sociais, em especial após os debates e entrevistas veiculados na televisão. Ocorre, porém, que cada uma dessas expressões cômicas foi utilizada pelas mais diversas pessoas com as mais diferentes finalidades. Dedicar-nos-emos, aqui, a tentar compreender uma dessas utilizações, feita por um grupo específico de indivíduos: o presidente eleito Jair Bolsonaro e seus apoiadores.

Durante os semestres em que participamos de Iniciação Científica no projeto “Moralidades contemporâneas, fundamentalismos pós-modernos”, tivemos a oportunidade de constatar e estudar a presença de um ódio de caráter biopolítico<sup>2</sup> nos discursos de personalidades do campo religioso protestante<sup>3</sup>, em especial no que tange à população LGBT<sup>4</sup>. A questão é que, lá, os sentidos estavam bem expostos; não eram necessárias análises profundas para captar o que aqueles empreendedores morais, forma como os enquadrávamos, queriam dizer. Com o cômico, a situação é um pouco diferente.

Diferente porque, corriqueiramente, compreende-se as formas de comicidade como espaços nos quais tudo pode ser dito, por acreditar-se que não fazem referência direta à realidade. O humor, em especial, constitui-se como uma “máscara” detrás da qual são expressos discursos de caráter preconceituoso e discriminatório, dos quais todos riem e os quais pouco se problematiza. Foi exatamente isso que percebemos no quadro *Mitadas do Bolsonabo*, do programa *Pânico na Band*, no qual o humorista Márvio Lúcio (popularmente conhecido como Carioca) fazia sua imitação do presidente eleito Jair Bolsonaro. Fiel tanto em termos de aparência como de argumentação, Carioca ia às ruas acompanhado de uma comitiva de seguidores, posicionava-se em seu “trono” e respondia às perguntas dos espectadores.

Nosso incômodo com essa expressão cômica veio do fato que, nela, discursos inferiorizantes e discriminatórios eram proferidos contra determinados grupos sociais, em

---

<sup>1</sup> “Meme pode ser definido como uma unidade cultural que se multiplica em um processo de cópia e imitação. Em sentido amplo, o conceito inclui falas, bordões, desenhos, comportamentos, ideias ou fragmentos de ideias, que são repetidas e – não sabemos bem porque – grudam na mente e se espalham rapidamente.” (REGIANI, 2017, p. 35). O termo foi cunhado pelo biólogo Richard Dawkins, que aplicou a ideia de gene (unidade biológica que se reproduz em larga escala) à compreensão da cultura. Na internet, são considerados memes conteúdos dotados de longevidade, fecundidade, fidelidade e alcance (RECUERO, 2009).

<sup>2</sup> Categoria criada no referido projeto de pesquisa. A grosso modo, refere-se a um ódio motivado por características biológicas ou inerentes aos sujeitos, como o sexo, a orientação sexual, a cor da pele, a situação socioeconômica, o posicionamento político, etc. O conceito será melhor descrito no decorrer do trabalho.

<sup>3</sup> Ver Feliciani e Dalmolin (2016, 2017a, 2017b), Feliciani, Schirmer e Dalmolin (2017) e Feliciani, Castilho e Dalmolin (2018).

<sup>4</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis.

especial mulheres e gays. Ao mesmo tempo, a reação dos espectadores que acompanhavam as intervenções do humorista nas ruas e os comentários feitos pelos usuários na versão disponibilizada no YouTube indicavam uma aprovação às “mitadas” do personagem. Foi por isso que, durante a disciplina de Teoria e Método de Pesquisa em Comunicação II, na qual se redige o projeto do trabalho de conclusão de curso, propusemos analisar o quadro.

Mas foi então que, observando a circulação de Bolsonabo nas redes sociais, encontramos algo que nos surpreendeu mais ainda: o compartilhamento<sup>5</sup> dos vídeos pela própria personalidade à qual o personagem remete, o presidente Jair Bolsonaro, através de sua página oficial no Facebook. Sabemos que, no que tange à política, o humor é tradicionalmente utilizado como forma de crítica; Bolsonabo poderia ser visto desta forma, já que explora os discursos extremos e forma de falar explosiva de Bolsonaro. Mas se a imitação fosse de fato nociva à imagem do presidente, por que ele a compartilharia? Foi então que compreendemos que, neste caso, o humor atuava não só como aliado na promoção política do então parlamentar como também do ódio biopolítico que ele prega.

Dado o exposto, o objetivo geral desta monografia é analisar como se dá a circulação de sentidos acerca do ódio biopolítico a partir dos vídeos de Bolsonabo publicados por Bolsonaro em sua página no Facebook. Como objetivos específicos, visamos identificar a quem e a quem as “mitadas” remetem (ou seja, quais seus principais objetos), traçar relações entre os discursos do personagem e do “verdadeiro” Bolsonaro e perceber como ambos os movimentos – o do humorista em interpretar o presidente eleito e deste em compartilhar a interpretação – são recebidos pelos usuários da rede social a partir da circulação presente nos comentários.

Sendo assim, o trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro, abordamos os conceitos de midiaticização e circulação, pensando esses processos como base para o cenário político atual – no qual o humor tem um papel de destaque. Iniciamos conceituando a midiaticização, apontando o contexto de seu surgimento e suas principais características; a partir disto, seguimos para a ideia de circulação, que, a nosso ver, é a consequência mais significativa da midiaticização e mais do que necessária à compreensão de nosso objeto empírico. Por fim, exploramos ambos os conceitos no âmbito do campo político, contextualizando a ascensão de Bolsonaro e fazendo aproximações com o humor a fim de introduzir o capítulo seguinte. Guiam

---

<sup>5</sup> Cabe destacar logo de início que a utilização que fazemos da palavra “compartilhamento” não condiz com a concepção vigente no Facebook. Na rede social, o ato de compartilhar refere-se a publicar em sua página ou linha do tempo uma postagem de outrem; o que Bolsonaro faz é criar uma postagem sua, original, mas com os vídeos provenientes do programa. Chamamos a isto compartilhamento pensando no sentido comum da palavra, de dividir algo com alguém.

essa discussão os trabalhos de Braga (2006, 2012), Fausto Neto (2008, 2010) e Fausto Neto, Rubim e Verón (2003).

No segundo capítulo, abordamos o cômico a partir do clássico de Bergson (2018), apontando suas características e categorias – dentre as quais se encontra o humor. Gruda (2013) auxilia-nos em uma categorização dos diferentes tipos de discurso humorístico, a partir do seu tensionamento com a liberdade de expressão e a política. Adentramos, então, os trabalhos de Foucault (1989, 1999), Pelbart (2009) e Agamben (2002) a fim de caracterizar o que chamamos de ódio biopolítico, na tentativa de demonstrar como ele manifesta-se em nosso cotidiano e no objeto deste trabalho. Por acreditar que isso se dá predominantemente pelo discurso, é com este tema que finalizamos o capítulo, tomando como base o trabalho de Orlandi (2005) e de Foucault (2014) para traçar relações entre discurso e poder.

No terceiro e último capítulo, trazemos nossa análise. Ela divide-se em três partes: na primeira, apresentamos Bolsonaro e seu contexto de produção, bem como os principais objetos de suas “mitadas”: mulheres, gays, aparência física e atuação dos interagentes. Na segunda, fazemos a relação de todas as postagens feitas por Bolsonaro, atendo-nos às quatro mais repercutidas, cujos vídeos analisamos a partir das quatro categorias de objetos propostas. Por fim, apresentamos alguns dos comentários feitos pelos usuários nessas quatro postagens, divididos com relação ao objeto de seu ódio biopolítico: a esquerda política como uma “entidade”, personificada em personalidades políticas e/ou personificada em usuários. Fechamos o trabalho com a conclusão, na qual retomamos as principais observações feitas e trazemos algumas impressões sobre o caso.

A metodologia empregada é a Análise do Discurso, tomando-se como base os trabalhos de Foucault (2014) e Orlandi (2005). Fizemos essa opção porque, como já comentamos, acreditamos que uma manifestação cômica guarda sentidos muito mais complexos do que expressa em sua superficialidade. Além disso, para compreender a apropriação dessa forma de humor pelo presidente eleito, é necessária uma recapitulação de todo o contexto de sua ascensão e dos discursos por ele proferidos, a fim de demonstrar como sua atuação reflete-se na do personagem.

Julgamos tratar-se de um processo riquíssimo em detalhes e que merece nossa atenção. Apesar de o recorte temporal determinado poder ser considerado um tanto defasado no que tange à disputa eleitoral propriamente dita, acreditamos que ele representa bastante em termos da compreensão da atuação de Jair Bolsonaro. Desde sua reeleição para deputado, em 2014, ele vem trabalhando o lançamento de seu nome à presidência. Isso exigiu, porém, que readequasse alguns de seus discursos, considerados extremos, a fim de alcançar uma parcela maior de

eleitores. Nosso objeto justifica-se especialmente porque, no exato momento em que passa a abrandar suas falas em público, tentando demonstrar respeito às minorias que outrora discriminou, o então deputado publica 23 vídeos do personagem de Carioca em menos de um ano – o que pode ser compreendida como uma forma de continuar falando exatamente as mesmas coisas que sempre falou.

## 2 PROCESSO DE MUDIATIZAÇÃO DA POLÍTICA

Neste primeiro capítulo, introduzimos os conceitos de midiatização e circulação, pensando-os como indispensáveis à compreensão do caso que analisamos. O texto divide-se em três partes principais: na primeira, conceituamos o que é a midiatização a partir de seu desenvolvimento histórico e suas principais características – dentre as quais identificamos a circulação, sobre a qual nos debruçamos na segunda parte. Na terceira, por fim, contextualizamos o cenário político atual, identificando o papel da midiatização na ascensão de Jair Bolsonaro à presidência. Dão-nos sustentação teórica os trabalhos de Braga (2006, 2012), Fausto Neto (2008, 2010) e Fausto Neto, Rubim e Verón (2003).

### 2.1 O QUE É A MUDIATIZAÇÃO?

A teoria da midiatização é uma tentativa de compreensão do momento social, cultural e político que vivemos. Nela, atribui-se às tecnologias e, principalmente, aos usos que os sujeitos fazem delas as modificações que vivenciamos nas formas de estar e se relacionar na sociedade. Representando uma evolução com relação à “sociedade dos meios”, que colocava as tecnologias no centro do processo interacional e dava o protagonismo ao eixo “produtor”, a midiatização consiste em acreditar que não há um modelo de interação pré-definido, mas sim que ele se constrói a partir de uma série de fatores – tendo a tecnologia como um aspecto imprescindível, mas não único.

Braga (2006) situa a midiatização em relação aos processos interacionais de referência das sociedades. “Um processo interacional ‘de referência’, em um determinado âmbito, ‘dá o tom’ aos processos subsumidos – que funcionam ou passam a funcionar segundo suas lógicas.” (BRAGA, 2006, p. 11). Para o autor, no decorrer da história da humanidade, a oralidade e a escrita foram os principais processos interacionais de referência no aprendizado e na socialização. Agora, segundo ele, a midiatização é que estaria em caminho para tornar-se a nova referência, ou seja: estaria tornando-se a principal regedora das interações e relações sociais.

O autor destaca que a midiatização surgiu como forma de expandir as potencialidades da escrita, possibilitando alcançar

[...] objetivos como: maior abrangência de envolvimento, geográfica e populacional; maior rapidez nas comunicações; maior permanência das mensagens (registro); maior diversidade de captura, objetivação, transformação, transmissão e circulação de tipos de informações e comportamentos – possibilitando usá-los diretamente em interações sociais (v.g. sons, imagens, gestos, ambientes,...); busca de adesão mais direta e mais rápida a proposições dominantes (hegemonia); ampliação de consumo; maior agilidade e rapidez na captação de informações e de comportamentos sociais. (BRAGA, 2006, p. 15).

Entretanto, a partir de certo ponto, os processos passaram a desenvolver-se por si próprios, a partir dos outros usos que a sociedade foi dando a eles. Desta forma, podemos dizer que “o processo de mediatização [...] corresponderia, grosso modo, a esta ‘evolução’ de implantações técnicas a serviço de objetivos de sociedade ‘anteriores’ para derivações autopoieticas na elaboração de lógicas próprias.” (BRAGA, 2006, p. 16).

Já Fausto Neto (2010) identifica o surgimento da midiatização não pensando os processos interacionais de referência, mas a evolução do próprio modelo de comunicação, que foi se transformando a partir das mais diversas teorias. O autor comenta que, nos primeiros estudos em Comunicação,

[...] a construção das relações entre produção e recepção repousava em torno de hipóteses para as quais dimensões de complexidade e indeterminação estariam fora de cena. [...] o [âmbito da] recepção existia como um efeito do trabalho que se voltava às “massas amorfas” e “sem espírito”, concebidas como coletivos homogeneizados, nas formas de públicos e audiências. (FAUSTO NETO, 2010, p. 3-4).

Com o tempo, porém, percebeu-se que os receptores não recebiam passivamente tudo o que lhes era passado, estando sujeitos à interferência de outros fatores na interpretação que faziam dos conteúdos. A comunicação passou a ser pensada, então, em relação com os demais campos sociais nos quais os indivíduos estavam inseridos. Já na virada do século, o fortalecimento dos meios de comunicação existentes e a criação de novos, com destaque para a internet e as redes sociais, transformou as relações entre os sujeitos e instituições dos diferentes campos sociais. Esses atores passaram a utilizar-se das lógicas próprias da mídia para falar entre si e, principalmente, para levar sua mensagem à sociedade como um todo.

A partir disto, infere-se que as mídias não atuam mais como um campo em específico, que exerce sua influência nos demais a partir do seu lugar – apesar de ainda podemos pensar em um “campo midiático”, como o espaço das práticas profissionais. A ideia da midiatização é de uma assimilação das lógicas da mídia por todos os campos sociais, o que os faz alterar suas relações entre si. “As mídias perdem este lugar de auxiliaridade e passam a se constituir uma referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e atores sociais.” (FAUSTO NETO, 2008, p. 93).

As fronteiras entre os diferentes campos sociais, antes melhor definidas, tornam-se difusas. As relações entre eles passam a dar-se na forma de circuitos os mais diversos, que “[...] envolvem momentos dialógicos, momentos ‘especializados’; momentos solitários [...] e momentos tecno-distanciados, difusos. Todos esses momentos se interferem – se apoiam às vezes, certamente se atrapalham.” (BRAGA, 2012, p. 44).

Podemos evidenciar a presença desses circuitos ao analisar, por exemplo, o grande aumento de membros de congregações religiosas (logo, oriundos do campo religioso) nas bancadas da Câmara e do Senado. A Frente Parlamentar Evangélica, até então formada por 78 integrantes, teve um aumento de 13 congressistas para o ano que vem<sup>6</sup> – muito em razão das campanhas, que hoje não ficam restritas aos formatos tradicionais e permitem alcançar um número bem maior de pessoas. O mesmo para lideranças religiosas que alcançam um capital simbólico significativo no e através do meio midiático, como é o caso dos pastores Silas Malafaia e R. R. Soares e do bispo Edir Macedo.

Os trabalhos de Braga (2006) e Fausto Neto (2008) permitem levantar algumas características mais específicas do processo de midiaticização<sup>7</sup>. A primeira delas é a processualidade diferida e difusa, que diz respeito à multiplicidade de formas e formatos dos quais podemos nos utilizar para comunicar hoje. “Quando antes se construía a realidade através de interações sociais baseadas essencialmente na expressão verbal, é possível hoje objetivar e fazer circular imagens (referenciais ou imaginárias), sons e, particularmente, ‘experiência’.” (BRAGA, 2006, p. 19). No que tange à política e, mais especificamente, às eleições presidenciais de 2018 no Brasil, vale ressaltar o papel dos memes imagéticos e/ou audiovisuais na promoção (tanto positiva como negativa) de certas candidaturas, o que detalhamos melhor mais adiante.

A segunda característica é a expansão das possibilidades de registro e acesso de/a informações. A diversificação dos formatos e o aumento da produção de conteúdos exigiu que se desenvolvessem recursos eficientes para registrar e disponibilizar essa grande quantidade de informação de forma acessível. “Assim, as interações sociais passam a comportar uma frequente passagem por articulações complexas entre participantes da sociedade e o acervo diverso de dados” (BRAGA, 2006, p. 20). No período eleitoral, por exemplo, o registro faz-se importante para que os eleitores possam consultar o passado dos candidatos nos quais cogitam votar, a fim de constatar se sua atuação realmente condiz com suas expectativas. Vale lembrar também que é a passagem pelo acervo de que fala Braga que permite a realização deste trabalho, dado o período que analisamos.

---

<sup>6</sup> AGÊNCIA BRASIL. Em crescimento, bancada evangélica terá 91 parlamentares no Congresso. **Correio Braziliense**, Brasília, 18 out. 2018. Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/10/18/interna\\_politica,713583/em-crescimento-bancada-evangelica-tera-91-parlamentares-no-congresso.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/10/18/interna_politica,713583/em-crescimento-bancada-evangelica-tera-91-parlamentares-no-congresso.shtml)>. Acesso em: 05 nov. 2018.

<sup>7</sup> A ordem de apresentação das características não necessariamente segue a ordem da exposição dos autores. Radequamos algumas delas de acordo com a pertinência para o nosso trabalho e para a organização deste capítulo.

Como terceira característica da mediação temos a tendência à descontextualização. “Para que objetivações sociais circulem em âmbito diferido e difuso com pertinência, é preciso que se elaborem com alguns graus de abstração das contingências específicas caracterizadoras dos momentos de elaboração expressiva.” (BRAGA, 2006, p. 20). Ou seja, a intensificação da mediação incentiva o desprendimento das “partes” do “todo”, fazendo com que os conteúdos circulem de forma condensada.

Isto pode ser positivo se pensarmos na disseminação dos conteúdos a uma parcela maior de pessoas, em especial àquelas que não teriam acesso ou não compreenderiam tão bem os conteúdos na sua versão original e/ou integral; é o caso da produção científica, e até mesmo o de Bolsonaro. Porém, se pensarmos, por exemplo, na disputa eleitoral, a descontextualização pode ser nociva: é o que ocorre quando partes de falas de candidatos são postas em circulação e suscitam sentidos que não seriam os iniciais, intensificando o clima de polarização do país. Um exemplo é a entrevista que o ex-presidente Lula deu à Revista Playboy em 1979<sup>8</sup>, na qual disse admirar a figura de Hitler por “se propor a fazer alguma coisa e tentar fazer”. Nas redes sociais, porém, o conteúdo foi apropriado por opositores de forma a sugerir que Lula admirava Hitler pelas atrocidades que cometeu.

A quarta característica que trazemos a partir do trabalho dos autores é a interatividade. Entretanto, o que Braga (2006) reconhece como característica da mediação não é aquela interatividade da qual diversos autores falam com entusiasmo, e sim uma forma diferente de interação entre os atores. O autor problematiza a centralidade dada à interatividade com o advento da internet, como se todos os processos de interação social que vieram antes dessa mídia fossem menos expressivos.

A Internet, na verdade, viabiliza e/ou acelera e amplia aquilo que assinalamos como ‘interatividade difusa’: as ‘respostas’ não são tipicamente de retorno direto pontual (interatividade ‘conversacional’) – são antes *repercussão – redirecionamento – circulação de reações para âmbitos diferidos e difusos*. (BRAGA, 2006, p. 22, grifos do autor).

As postagens que nos propomos a analisar neste trabalho são um exemplo disto, assim como grande parte das publicações de Jair Bolsonaro no Facebook. Percebe-se que a maioria dos comentários em nada tem a ver com o conteúdo apresentado nas postagens, consistindo apenas em manifestações de apoio e carinho dos seguidores ao presidente eleito. Ou, então, quando algum usuário se declara contrário ao conteúdo que é apresentado, os outros

---

<sup>8</sup> KRIEGER, G.; BONASSA, E. C.; GONDIM, A. Lula declarou admirar Hitler e Khomeini. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 abr. 1994. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/4/21/brasil/10.html>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

preocupam-se mais em proferir xingamentos àquela pessoa do que debater sobre os possíveis problemas com o conteúdo da publicação.

Como quinta característica da midiatização, temos o foco no receptor. A percepção de que os receptores são ativos e que a forma como interpretam os conteúdos não necessariamente condiz com a do eixo produtor fez com que este último passasse a repensar suas estratégias de aproximação. “Todo esforço recente de processos de ‘amigabilidade’ na mídia (particularmente informatizada, mas não só) caracteriza e reforça a ênfase no âmbito do usuário.” (BRAGA, 2006, p. 23).

No jornalismo, Fausto Neto (2008, p. 100) identifica o que chama de “estratégias de protagonização do leitor”, nas quais público é chamado a inserir-se no interior do dispositivo de produção jornalístico. Podemos pensar que é nesse sentido que se dá o quadro “O Brasil que eu quero”, da Rede Globo, no qual os telespectadores de todas as cidades do país foram convidados a enviar um vídeo falando de suas expectativas sobre as eleições e o futuro do Brasil – os quais foram exibidos durante os principais telejornais da emissora.

Outra característica é a aproximação de realidades. A atenção maior que passou a ser dada ao receptor e às suas dinâmicas de interpretação dos conteúdos fez perceber que um mesmo indivíduo está inserido em diversas “realidades”, e que, para transmitir sua mensagem com eficiência, o âmbito produtor deve estar atento a elas. Podemos considerar como exemplo as falas do vice-presidente de Bolsonaro, General Mourão, a respeito do 13º salário dos trabalhadores<sup>9</sup>. Os eleitores da chapa apoiaram-na por concordar com muitos dos posicionamentos dela, como, por exemplo, a liberação do armamento para defesa pessoal; entretanto, muitos desses eleitores são trabalhadores, e, ao ouvirem a crítica de Mourão à concessão do 13º salário, sentiram-se ameaçados e exigiram um reposicionamento. Ou seja: em sua fala, o vice desconsiderou uma das “realidades” nas quais seus eleitores estavam inseridos e foi cobrado por isso.

A sétima característica da midiatização é a sua capacidade analítica. Para Fausto Neto (2008), a “analítica da midiatização” seria a capacidade da mídia de não só interferir na forma como os campos falam em si e entre si, mas também de falar sobre e por eles, de traduzir as mensagens características de um campo em específico para toda a sociedade. O autor constrói o conceito a partir da ideia da mídia como um “reductor de complexidades” e da concepção de

---

9 SETO, G. Vice de Bolsonaro, Mourão critica 13º salário e fala em reforma trabalhista 'séria'. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 set. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/vice-de-bolsonaro-mourao-critica-13o-salario-e-fala-em-reforma-trabalhista-seria.shtml>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

analítica própria do campo terapêutico, que considera o terapeuta como um “ponto de apoio” no qual o paciente se sustenta<sup>10</sup>, atribuindo tais características à mediação.

Noções como a de “reduzidor de complexidade” e “ponto de apoio” são, também de certa forma, idealidades a que se propõe o trabalho interpretativo das práticas da mediação e de suas operações de sentido. Por outras palavras, o ponto de apoio edifica-se em um dispositivo, desenvolvendo uma ação sistêmica que visa produzir, a seu modo, uma ação interpretativa. (FAUSTO NETO, 2008, p. 95).

A análise da mediação está relacionada a uma característica própria dos campos sociais, a refração. Ela se refere à “tradução” que um campo faz dos acontecimentos externos, de forma a torná-los mais acessíveis e compreensíveis para seus membros. Nesse sentido, a análise seria a capacidade da mídia de fazer a mesma coisa, só que em percurso contrário: traduzindo para a sociedade em geral o que seria próprio de um campo em específico. É o que, por exemplo, os telejornais fazem ao explicar em detalhes o desenrolar do processo jurídico de uma personalidade política.

Como oitava característica do processo, temos o que Braga (2006) chama de deslegitimação dos campos sociais. A mediação, em especial por sua capacidade analítica, “deslegitima padrões esotéricos segundo os quais campos especializados se relacionam com a sociedade em geral.” (BRAGA, 2006, p. 24). Os padrões esotéricos referem-se aos conhecimentos característicos de um campo, que são exclusivos de seus membros – ou, pelo menos, deveriam ser. A questão é que, ao traduzir esses conhecimentos à sociedade como um todo, a mídia retira deles a força e a “exclusividade”. Um exemplo é a descredibilidade atribuída ao jornalismo tradicional hoje: pelo fato de os indivíduos terem acesso a fontes de informação mais rápidas e diversas na internet (em especial nas redes sociais), os veículos impressos e televisivos vêm perdendo espaço na formação da opinião pública.

A nona e última das características que levantamos, por acreditarmos ser a mais significativa, tratamos em uma seção específica: a transformação que a emergência da mediação causou no conceito de circulação. Mas, antes disso, vale dizer que, entre os estudiosos adeptos da teoria da mediação, não há consenso com relação à completude<sup>11</sup> do processo. Nossa visão é de que essa transformação ainda não está completa, se é que há uma completude possível.

Como salienta Braga (2006), a mediação, em seu caminho para tornar-se a referência interacional, ainda convive com os processos predominantes em momentos históricos

<sup>10</sup> Para tanto, Fausto Neto baseia-se nos trabalhos de Luhmann (2005) e Chemama (2007).

<sup>11</sup> Em decorrência disso, há algumas diferenciações linguísticas ao se referir ao fenômeno. Utilizamos predominantemente o termo “mediação” não por acreditar que o processo está estabelecido, mas para facilitar a fluidez do texto.

anteriores, a escrita e a oralidade. Além disso, Braga (2017) também ressalta que só a produção de uma base consistente de trabalhos empíricos que acionem essa teoria será capaz de provar a sua eficácia em dar conta das vivências da sociedade. Acreditamos que as observações que trazemos aqui permitem ilustrar a grande maioria dos movimentos que a midiatização aciona, em especial no que tange à política e a circulação de informações relativas a ela – no que adentramos mais especificamente daqui em diante.

### **2.1.1 O grande trunfo da midiatização: a circulação**

A principal consequência da midiatização foi a transformação no conceito de circulação. “No período da ênfase dos meios, a circulação era vista meramente como *a passagem* de algo do emissor ao receptor.” (BRAGA, 2012, p. 38, grifo do autor). Era apenas o espaço no qual a mensagem transitava e no qual não se acreditava haver resistências. Consequentemente, havia uma dependência do âmbito produtivo, visto que, sem ele, a interação não se iniciaria. Aos receptores, cabia apenas o papel de assimilar o que lhes era passado.

Com a percepção de que esse modelo não abrangia a totalidade e, principalmente, a imprevisibilidade dos processos comunicacionais, a forma como a circulação era compreendida também se transformou. Ela continua sendo vista predominantemente em sua condição de intervalo, mas no qual se reconhecem diferenças entre produtor e receptor. “Passa a funcionar como uma ‘zona de indeterminação’ enquanto dispositivo, ou espaço gerador de possibilidades” (FAUSTO NETO, 2010, p. 8) – no qual pode ocorrer tanto a aproximação como o afastamento entre os pólos.

É só com a emergência da midiatização que a circulação passa a ser vista de maneira mais ampla, extrapolando os limites desse “intervalo”. Na nova concepção, passa-se a englobar no processo, além do próprio enunciado, os enunciados que surgem a partir dele, e mesmo os que veem antes e lhe dão origem. Reconhece-se que uma mensagem pode fugir do controle tanto do produtor quanto do receptor; de fato, as nomenclaturas “produtor” e “receptor” tornam-se quase antiquadas.

Seguindo essa linha de pensamento, Braga (2012, p. 39) ressalta que os caminhos da circulação hoje podem ser os mais diversos:

[...] desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários – que podem resultar em textos publicados ou em simples ‘conversa de bar’ sobre um filme recém visto; a retomada de ideias para gerar outros produtos (em sintonia ou contraposição); a uma estimulação de debates, análises, polêmicas – em processo agonístico; a esforços de sistematização analítica ou estudos sobre o tipo de questão inicialmente exposta; passando ainda por outras e outras

possibilidades, incluindo aí, naturalmente a circulação que se manifesta nas redes sociais.

Pensemos na interpretação que Carioca faz de Bolsonaro: trata-se de um conteúdo que é veiculado inicialmente na TV, apropriado na página do presidente no Facebook e que repercute daí em diante entre seus seguidores. Podemos ainda pensar que o próprio personagem surge a partir da atuação pública do ex-deputado, o que demonstra que a circulação pode iniciar-se antes mesmo de o produto tomar forma. Devemos também considerar que há infinitos outros momentos da circulação que fogem ao nosso olhar, como o acompanhamento direto do quadro na televisão pelos espectadores do programa e todos os comentários boca-a-boca que surgem a partir dele, sejam eles positivos ou negativos. É possível englobar, ainda, a utilização que Carioca faz do personagem em espaços que não o do programa, como seu canal no YouTube e suas apresentações pelo Brasil.

É por todos esses desdobramentos possíveis que Braga (2012, p. 41) diz que,

[...] a rigor, não é o ‘produto’ que circula – mas encontra um sistema de circulação no qual se viabiliza e ao qual alimenta. O produto, entretanto, é um momento particularmente auspicioso da circulação – justamente porque, consolidado em sua forma que permanece [...] pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços.

Além disso, é a circulação que se dá a partir do produto que permite ao âmbito produtor avaliar a eficácia da disseminação de sua mensagem. Braga (2012, p. 40) afirma que “[...] na sociedade em midiatização o esforço produtivo para circular se faz na conformação da escuta prevista ou pretendida.” Isso significa que os interagentes compartilham ou deixam de compartilhar certos conteúdos e discursos com base em como imaginam que será a recepção e a circulação deles.

As publicações que Bolsonaro faz com os vídeos de Bolsonaro, por exemplo: é visível que a grande maioria dos seguidores as aprova e incentiva o ex-parlamentar a fazê-las mais vezes, ou por julgar o personagem engraçado, ou por achar nobre a atitude do presidente em divulgar uma imitação que, em tese, poderia ferir sua imagem pública. A partir do exposto por Braga, podemos inferir que foi justamente a conformação de que os vídeos do personagem seriam bem recebidos que incentivou o presidente eleito a compartilhá-los por quase um ano inteiro.

Como comentamos no começo deste capítulo, na midiatização e na nova concepção de circulação que ela trouxe não há modelos de interação pré-definidos. Os sujeitos vão adequando suas práticas de acordo com o que julgam funcionar: “[...] no lugar das regras, emergem estratégias” (FAUSTO NETO, 2010, p. 9). Entretanto, não podemos pensar a circulação apenas

em termos de suas potencialidades: ela também dá espaço para a proliferação de conteúdos e discursos nocivos à noção de uma sociedade democrática e igualitária. Vimos isto manifestar-se em várias ocasiões durante a campanha eleitoral deste ano, em especial com relação à candidatura de Jair Bolsonaro. É a ele e ao contexto político do país que dedicamos a seção seguinte, procurando refletir, a partir das exposições já feitas, sobre como a midiatização e a circulação interferem nas dinâmicas do campo político.

## 2.2 O PAPEL DA MUDIATIZAÇÃO E DA CIRCULAÇÃO NO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO

Jair Messias Bolsonaro é o novo presidente do Brasil, eleito neste pleito de 2018. Foi candidato pelo Partido Social Liberal (PSL) e obteve 55,1% dos votos, em contraposição aos 44,9% de Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), com quem disputou o segundo turno. Antes disso, foi deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro por sete mandatos consecutivos, tendo passado por oito diferentes partidos políticos<sup>12</sup> no decorrer dos 28 anos na Câmara. Bolsonaro nasceu em Glicério, interior de São Paulo, em 21 de março de 1955. Atualmente é casado com Michelle Bolsonaro e possui quatro filhos e uma filha – Flávio, Carlos, Eduardo, Renan e Laura.

Figura 1 – O agora Presidente da República Federativa do Brasil Jair Bolsonaro.



<sup>12</sup> Antes de filiar-se ao PSL, Bolsonaro passou pelo Partido Democrata Cristão (PDC), de 1989 a 1993; pelo Partido Progressista (PP), em 1993; pelo Partido Progressista Renovador (PPR), de 1993 a 1995; pelo Partido Progressista Brasileiro (PPB), de 1995 a 2003; pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), de 2003 a 2005; pelo Partido da Frente Liberal (PFL), em 2005; pelo Partido Progressista (PP), de 2005 a 2016; e pelo Partido Social Cristão (PSC), de 2016 a 2018. PDC, PP, PPR e PPB são formações políticas anteriores do atual Progressistas (PP); já o PFL remonta a trajetória do Democratas (DEM).

Fonte: Portal da Câmara dos Deputados. Fotografia de Alex Ferreira.

Militar da reserva, Bolsonaro tornou-se pauta constante na mídia e nas casas dos brasileiros por seus discursos de caráter conservador e pelas diversas controvérsias nas quais se envolveu por causa deles – as quais lhe renderam, inclusive, processos judiciais. Dentre os comentários com maior repercussão, há os que discriminam, inferiorizam e até ameaçam:

- a) homossexuais, como: “Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí”<sup>13</sup> e “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”<sup>14</sup>;
- b) mulheres, como: “Jamais iria estuprar você [a deputada Maria do Rosário], porque você não merece”<sup>15</sup> e “Eu não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário”<sup>16</sup>;
- c) negros, como: “Eu fui num quilombola [sic] em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas... Não fazem nada! Eu acho que nem pra procriador eles servem mais”<sup>17</sup> e “Eu não corro esse risco [de um filho namorar uma mulher negra], os meus filhos foram muito bem educados”<sup>18</sup>;
- d) pobres, como: “Só tem uma utilidade o pobre no nosso país aqui: votar. Título de eleitor na mão e com diploma de burro no bolso”<sup>19</sup>;

<sup>13</sup> TERRA. Bolsonaro: ‘prefiro filho morto em acidente a um homossexual’. **Terra**, Porto Alegre, 8 jun. 2011. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbceeb0aRCRD.html>>. Acesso em: 30 out. 2018.

<sup>14</sup> SUWWAN, L. Apoio de FHC à união gay causa protestos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 mai. 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1905200210.htm>>. Acesso em: 30 out. 2018.

<sup>15</sup> PINTO, A. C.; LUCCIOLA, L. Jair Bolsonaro repete insulto a deputada Maria do Rosário: ‘Só não te estupro porque você não merece’. **Extra**, Rio de Janeiro, 17 set. 2015. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/jair-bolsonaro-repete-insulto-deputada-maria-do-rosario-so-nao-te-estupro-porque-voce-nao-merece-14781338.html>>. Acesso em: 31 out. 2018.

<sup>16</sup> MELO, D. Bolsonaro afirmou, sim, que não empregaria mulher com mesmo salário de homem. **Huffpost Brasil**, São Paulo, 18 ago. 2018. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/2018/08/18/bolsonaro-afirmou-sim-que-nao-empregaria-mulher-com-mesmo-salario-de-homem\\_a\\_23504540/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/08/18/bolsonaro-afirmou-sim-que-nao-empregaria-mulher-com-mesmo-salario-de-homem_a_23504540/)>. Acesso em: 31 out. 2018.

<sup>17</sup> CONGRESSO EM FOCO. Bolsonaro: “Quilombola não serve nem para procriar”. **Congresso em Foco**, Brasília, 05 abr. 2017. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>>. Acesso em: 31 out. 2018.

<sup>18</sup> O GLOBO. Bolsonaro diz na TV que seus filhos não 'correm risco' de namorar negras ou virar gays porque foram 'muito bem educados'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 04 nov. 2011. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-diz-na-tv-que-seus-filhos-nao-correm-risco-de-namorar-negras-ou- virar-gays-porque-foram-muito-bem-educados-2804755>>. Acesso em: 31 out. 2018.

<sup>19</sup> BRAGON, R. Bolsonaro defendeu esterilização de pobres para combater miséria e crime. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 jun. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/bolsonaro-defendeu-esterilizacao-de-pobres-para-combater-miseria-e-crime.shtml>>. Acesso em: 31 out. 2018.

e) e opositores, como: “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre”<sup>20</sup> e “Esses marginais vermelhos [os petistas] serão banidos de nossa pátria”<sup>21</sup>.

Ainda, o presidente declarou-se favorável à Ditadura Militar, seus idealizadores e aos métodos por eles empregados diversas vezes. Exemplos são a votação do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, na qual exaltou Carlos Alberto Brilhante Ustra<sup>22</sup>, torturador condenado, e a entrevista que concedeu à Rádio Jovem Pan em 2016, na qual afirmou que “o erro da Ditadura foi torturar e não matar”<sup>23</sup>.

No entanto, desde que anunciou o lançamento de seu nome à corrida presidencial e, principalmente, após ter sua candidatura oficializada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Bolsonaro mudou de atitude. O ex-parlamentar percebeu a necessidade de desconstruir a imagem pública anteriormente firmada para aproximar-se de outros públicos que não só os declaradamente favoráveis a ele – inclusive daqueles que outrora foram alvo da sua discriminação. Para isso, passou a abrandar alguns de seus discursos.

Um exemplo é a conversa que teve com os personagens Christian Pior e Paula Ayala, do programa Pânico na Band: quando provocado por Christian sobre seu desejo de atirar em travestis, o candidato respondeu que o único tiro que daria nelas seria no coração, de amor<sup>24</sup>. O mesmo ocorreu com sua filha Laura: em certa ocasião, Bolsonaro fez uma “piada” alegando que ela teria nascido mulher em decorrência de uma “fraquejada” sua<sup>25</sup>. Em um dos vídeos de sua campanha, porém, falou da filha com bastante emoção, ressaltando a transformação positiva que ela representou em sua vida<sup>26</sup>.

<sup>20</sup> RIBEIRO, J. “Vamos fuzilar a petralhada”, diz Bolsonaro em campanha no Acre. **Exame**, São Paulo, 4 set. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

<sup>21</sup> VEJA. “Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria”, diz Bolsonaro. **Veja**, São Paulo, 22 out. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/esses-marginais-vermelhos-serao-banidos-de-nossa-patria-diz-bolsonaro/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

<sup>22</sup> Bolsonaro menciona chefe do Doi-CODI ao votar pelo impeachment. **O Globo**, Rio de Janeiro, [2016]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-menciona-chefe-do-doi-codi-ao-votar-pelo-impeachment-2-19112343>. Acesso em 31 de outubro de 2018.

<sup>23</sup> JOVEM PAN. Defensor da ditadura, Jair Bolsonaro reforça frase polêmica: “O erro foi torturar e não matar”. **Jovem Pan**, São Paulo, 08 jul. 2016. Disponível em: <<http://jovempanfm.uol.com.br/panico/defensor-da-ditadura-jair-bolsonaro-reforca-frase-polemica-o-erro-foi-torturar-e-nao-matar.html>>. Acesso em: 31 out. 2018.

<sup>24</sup> YOUTUBE. **PÂNICO EVENTOS: LEILÃO COM FAMOSÕES (C/ CHRISTIAN PIOR E PAULA AYALA)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZvZsJ8n9LwI>> (a partir de 9’15”). Acesso em: 12 out. 2018.

<sup>25</sup> GUNKEL, N. Piada de Bolsonaro sobre sua filha gera revolta nas redes sociais. **Exame**, São Paulo, 18 set. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/piada-de-bolsonaro-sobre-sua-filha-gera-revolta-nas-redes-sociais/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

<sup>26</sup> DIRETO DA REDAÇÃO. Em vídeo, Bolsonaro esquece fala sobre ‘fraquejada’ e diz que filha mais nova mudou sua vida. **Jovem Pan**, São Paulo, 20 set. 2018. Disponível em: <https://blog.jovempan.uol.com.br/direto-da-redacao/2018/09/20/em-video-bolsonaro-esquece-fala-sobre-fraquejada-e-diz-que-filha-mais-nova-mudou-sua-vida/>. Acesso em: 12 out. 2018.

Da mesma forma, quando questionado em entrevistas sobre as afirmações que fez, o presidente eleito buscou retratar-se: ou alegando que aquilo não era o que queria dizer, como no caso da afirmação sobre os filhos não namorarem mulheres negras; ou justificando o comentário por estar sob muito estresse, argumento que utilizou no caso da deputada Maria do Rosário; ou, até mesmo, negando que tenha feito tais comentários – como fez no caso da diferença salarial entre homens e mulheres.

É interessante perceber como essa mudança na atuação pública de Bolsonaro lembra a empreendida por Lula em 2002. Após três tentativas frustradas de candidatura à presidência, o hoje ex-presidente precisou abrandar seu discurso de militante sindical, considerado radical por grande parte da população, para alcançar uma parcela maior de eleitores. A transformação na imagem pública de Lula foi tão expressiva que, na época, ele foi apelidado de “Lulinha paz e amor”.

Rubim (2003, p. 52) diz que a constituição da imagem pública

[...] aciona diversas dimensões espaciais e temporais. Do passado, a imagem acolhe a história compartilhada, a tradição sedimentada e os estoques simbólicos que conformam a personalidade do ente político. [...] Do presente, a imagem reivindica um encaixe adequado no cenário político atualizado, recolhendo e reconhecendo suas demandas e seus constrangimentos. [...] Do futuro, a imagem deve captar qualidades que deixem antever a possibilidade de construir novas perspectivas.

E foi justamente utilizando o presente para corrigir o passado e trazer a promessa de um novo futuro que ambos os candidatos, o de 2002 e o de 2018, se elegeram. Em 2002, quando o país encontrava-se em crise após dois governos de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), Lula construiu-se politicamente como a mudança, em contraposição ao tucano José Serra, que, apesar das diversas tentativas, não conseguiu desfazer-se da imagem de “candidato do governo”. Já em 2018, após quatro mandatos (mesmo que incompletos) do PT, é Bolsonaro quem emerge como a inovação de que o país precisa. A diferença é que, enquanto Lula elegeu-se e governou tendo como base a concessão de direitos aos mais necessitados, Bolsonaro elegeu-se prometendo justamente suspender as concessões feitas pelo presidente petista, visto que, para ele, foram elas as responsáveis por instaurar o caos que o Brasil vivencia hoje.

Essa semelhança entre os candidatos e os contextos nos quais se elegeram é explicada por Carvalho (2005) pela dependência que os brasileiros possuem do Poder Executivo. Para o autor, isto é fruto da forma como se deu a constituição da cidadania no país, na qual os direitos sociais receberam uma valorização maior do que os civis e, principalmente, os políticos.

O Estado é sempre visto como todo-poderoso, na pior hipótese como repressor e cobrador de impostos; na melhor, como um distribuidor paternalista de empregos e favores. [...] Ligada à preferência pelo Executivo está a busca por um messias político,

por um salvador da pátria. Como a experiência de governo democrático tem sido curta e os problemas sociais têm persistido e mesmo se agravado, cresce também a impaciência popular com o funcionamento geralmente mais lento do mecanismo democrático de decisão. Daí a busca de soluções mais rápidas por meio de lideranças carismáticas e messiânicas. (CARVALHO, 2005, p. 221-222).

Além dessa, outra aproximação entre as duas figuras está no fato de que ambas optaram por não participar de alguns debates. Em 2002, Lula só aceitou participar do debate final do segundo turno, organizado e exibido pela Rede Globo, após a imposição de uma série de critérios à emissora por parte da sua equipe de marketing. Da mesma forma, Bolsonaro não participou dos dois últimos debates do primeiro turno e de nenhum do segundo, o que não acontecia no país desde a redemocratização.

O presidente atribuiu sua ausência ao processo de recuperação pelo atentado<sup>27</sup> que sofreu durante a campanha eleitoral, mas não escondeu tratar-se também de uma questão estratégica – até porque, as emissoras prontificaram-se em adaptar o modelo do embate para que ele pudesse participar. Além disso, logo após sair do hospital, Bolsonaro deu uma entrevista completa à Rede Record, que foi exibida no mesmo horário do último debate do primeiro turno, veiculado na Rede Globo. A emissora também foi a responsável pela realização da primeira entrevista com Jair depois de eleito.

Isso porque a relação de Bolsonaro com a mídia é bastante delicada. O presidente e seus seguidores acreditam haver um plano por parte de alguns veículos, em especial a Rede Globo e o jornal Folha de S.Paulo, para deturpar a sua imagem – tanto que, na primeira coletiva de imprensa que deu após eleito, Jair não permitiu a participação de alguns jornais<sup>28</sup>. Transparece aí mais uma aproximação com o ex-presidente Lula, visto que o seu receio em participar dos debates de 2002 também foi fruto de uma relação problemática com a mídia. Não podemos esquecer do famoso debate entre ele e Fernando Collor (hoje também ex-presidente) em 1989, o qual a Rede Globo editou de forma a favorecer o segundo.

Isso nos leva a mais uma semelhança entre as duas candidaturas vencedoras, a de 2002 e a de 2018: o papel da midiatização nos desdobramentos da disputa eleitoral. Fausto Neto, Rubim e Verón (2003) identificaram que, em 2002, os debates (tanto a presença quanto a ausência dos candidatos neles), as entrevistas jornalísticas e, principalmente, as propagandas

<sup>27</sup> ARBEX, D.; BORGES, G. F.; BERNARDETE, L.; ARAÚJO, M.; CAPETTI, P.; SALLES, R. Jair Bolsonaro é vítima de atentado em Juiz de Fora. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 06 set. 2018. Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/noticias/politica/06-09-2018/jair-bolsonaro-e-vitima-de-atentado-em-juiz-de-fora.html>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

<sup>28</sup> O ESTADO DE S.PAULO. Jornais são barrados na primeira coletiva de imprensa de Jair Bolsonaro eleito. **Estadão**, São Paulo, 01 nov. 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,jornais-sao-barrados-na-primeira-coletiva-de-imprensa-de-jair-bolsonaro-eleito,70002579678>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

veiculadas no horário eleitoral gratuito foram essenciais para o delineamento dos resultados. Hoje, porém, vemos não tanto a veiculação dos conteúdos na televisão como a sua apropriação e circulação nas redes sociais ter grande destaque na corrida eleitoral.

Isso porque, de lá para cá, o acesso do brasileiro à internet e, especialmente, às redes sociais, cresceu exponencialmente. Uma pesquisa<sup>29</sup> divulgada recentemente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que 64,7% da população com idade acima de 10 anos teve acesso à internet em 2016 – e que destes, 94,6% utilizam-na para acessar aplicativos de bate-papo e redes sociais. Recuero (2009, p. 24) atribui o sucesso e a potencialidade das redes sociais ao fato de que permitem aos usuários, que ela chama de atores, “construir-se, interagir e comunicar com outros atores”.

Nas eleições presidenciais deste ano, vimos as redes sociais serem exploradas das mais diversas maneiras, tanto pelos eleitores como pelos candidatos. Elas foram utilizadas como estratégia, inclusive, para os presidenciáveis que dispunham de menor tempo de propaganda na televisão: João Amoêdo (NOVO) e José Maria Eymael (DC) usavam de seus poucos segundos de TV para convidar os eleitores a assisti-los em transmissões ao vivo no Facebook. Também cabe destacar o papel das redes sociais no que tange à informação: estima-se que 70% dos brasileiros que utilizam o Facebook informam-se através dele<sup>30</sup>. Jair Bolsonaro pode ser considerado o caso mais expressivo em meio a esse fenômeno: viu nas redes sociais um potencial tão grande que fez do Facebook o seu canal oficial de comunicação com seus apoiadores, a ponto de orientá-los a desconsiderar informações oriundas de outros veículos.

Nesse cenário, cabe destacar a importância que o cômico teve na promoção – positiva e/ou negativa – dos candidatos nas redes sociais. Em especial durante e após os debates televisivos, vimos eclodir uma série de memes que tomavam como base as propostas e/ou os posicionamentos mais marcantes de cada candidatura. O exemplo mais marcante talvez seja o do candidato Cabo Daciolo (Patriota), que virou motivo de gozação por suas teorias a respeito do plano URSAL, um suposto projeto de unificação dos países da América Latina sob um governo socialista. No Facebook, foram criadas diversas páginas do suposto país, nas quais os usuários ressaltavam suas potencialidades, como uma seleção de futebol composta por Neymar e Messi. A “zoeira” foi tanta que a candidata à vice de Fernando Haddad, Manuela D’Ávila,

---

<sup>29</sup> GOMES, H. S. Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE. **G1**, Rio de Janeiro, 21 fev. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

<sup>30</sup> JUNIOR, P. R. Cerca de 70% dos brasileiros ativos no Facebook se informam pela rede social. **Huffpost Brasil**, São Paulo, 26 jan. 2017. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/paulo-roberto-junior/cerca-de-70-dos-brasileiros-ativos-no-facebook-se-informam-pela\\_a\\_21676908/](https://www.huffpostbrasil.com/paulo-roberto-junior/cerca-de-70-dos-brasileiros-ativos-no-facebook-se-informam-pela_a_21676908/)>. Acesso em: 19 nov. 2018.

publicou em suas redes sociais uma foto<sup>31</sup> com Pepe Mujica, ex-presidente do Uruguai, alegando que o teria convidado para presidir o novo país – convite ao qual ele teria aceitado.

Percebeu-se no humor um potencial tão grande que até um dos maiores jornais do país, O Globo, produziu a sua própria série de vídeos cômicos. No Tutorial dos Candidatos, o humorista Marcelo Adnet interpretou os candidatos à presidência e ao governo dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, bem como algumas personalidades políticas do país, como Getúlio Vargas, Leonel Brizola e Michel Temer. Adnet encerrou a série com a simulação de um debate entre Bolsonaro e Haddad.

Figura 2 – Marcelo Adnet em sua imitação de Jair Bolsonaro.



Fonte: YouTube<sup>32</sup>.

Outro conteúdo cômico que teve bastante repercussão foram os Zumbis em Brasília, do cartunista André Guedes. Na série composta por 10 vídeos animados, os candidatos à presidência tentavam chegar a Brasília em meio a um apocalipse zumbi. Além dos postulantes ao Planalto, a saga contou com a participação de outras figuras importantes do cenário político atual, como Jean Wyllys, Maria do Rosário, Gleisi Hoffmann, Lula e Michel Temer. A narrativa acompanhou acontecimentos da disputa “real”, como o atentado a Bolsonaro, e culminou com a chegada vitoriosa deste a Brasília.

<sup>31</sup> D’ÁVILA, M. (Manuela D’Ávila). “**Aproveitando que estou em Buenos Aires para a conferência que está acontecendo agora, convidei Mujica para assumir a presidência da URSAL. Ele aceitou!!!!**”. 10 ago. 2018. Post do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/manueladavila/posts/aproveitando-que-estou-em-buenos-aires-para-a-confer%C3%A2ncia-que-est%C3%A1-acontecendo-a/2929634173751690/>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>32</sup> YOUTUBE. **Marcelo Adnet imita Jair Bolsonaro**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nyFoEuc9v1Q>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

Figura 3 – Capa do último episódio da série Zumbis em Brasília.



Fonte: YouTube<sup>33</sup>.

Essa papel de destaque ocupado pelo humor nas dinâmicas do campo político, porém, não se restringiu ao período eleitoral; de fato, sequer é exclusividade destas eleições. Como demonstra Volcan (2014), a assessoria da ex-presidenta Dilma Rousseff já estava atenta à potencialidade do humor para a criação de vínculos com o eleitorado ainda na campanha eleitoral de 2014. Vendo o sucesso que a página Dilma Bolada<sup>34</sup>, criada pelo publicitário Jeferson Monteiro, fazia nas redes sociais, a equipe passou a adotar algumas marcas de linguagem que remetiam à personagem.

Bolsonaro também explorou o humor como uma forma de promover-se politicamente. De abril a dezembro de 2017, o presidente fez 23 publicações relativas ao quadro Mitadas do Bolsonabo, do programa Pânico na Band, em sua página no Facebook. A partir dos vídeos, nos quais o humorista Márvio Lúcio (Carioca) fazia a sua representação do então parlamentar, Bolsonaro incentivava seus seguidores a descontraírem-se para esquecer do momento de crise pelo qual o país estava passando. Sua atitude era bastante elogiada pelos usuários, principalmente por denotar que o presidenciável ainda valorizava o humor tradicional em meio às imposições do “politicamente correto”. Entretanto, o humor expresso nas Mitadas é problemático em vários aspectos. Julgamos que ele não só é politicamente incorreto como

<sup>33</sup> YOUTUBE. **ZUMBIS EM BRASÍLIA EP 10 - O FIM DA JORNADA**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=esbU9E3rR74>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

<sup>34</sup> FACEBOOK. **Dilma Bolada**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/DilmaBolada/>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

carrega traços de um ódio de caráter biopolítico contra determinados grupos sociais. Esses são os focos de nossa discussão no capítulo seguinte.

### 3 O DISCURSO HUMORÍSTICO COMO DISSEMINADOR DE ÓDIO BIOPOLÍTICO

Guiam-nos neste capítulo os trabalhos de Bergson (2018), Gruda (2013), Foucault (1988, 1999, 2014), Agamben (2002) e Orlandi (2005). A partir deles, buscamos demonstrar como o discurso humorístico não é neutro, pelo contrário, carrega marcas de quem o proferiu – podendo, como no caso que analisamos neste trabalho, estar dotado de um ódio de caráter biopolítico contra determinados grupos sociais. Iniciemos pelo básico: o que faz de um discurso cômico.

#### 3.1 AS DIFERENTES FACES DO HUMOR

Em seu clássico sobre as origens e os significados do riso, Bergson (2018)<sup>35</sup> classifica as manifestações do cômico como podendo ser referente às formas, aos movimentos, às situações, às palavras ou ao caráter. O autor atém-se em apontar as especificidades de cada uma dessas expressões, mas é possível perceber que algumas observações comuns (e, diga-se, fundamentais) perpassam a todas elas – bem como a nosso objeto.

A primeira é a de que não há riso fora do que é humano: mesmo o que não o é propriamente, traz em si alguma possibilidade de associação a ele. O autor afirma que “[...] se algum outro animal ou qualquer objeto inanimado chegam a tanto [a provocar o riso] é por semelhança com o homem, pela marca que o homem neles imprime ou pelo uso que deles o homem faz.” (BERGSON, 2018, p. 38).

No que tange a nosso objeto, podemos inferir que o riso se dá pela associação do personagem, Bolsonaro, à personalidade real na qual ele se baseia, Bolsonaro, que tem, na imitação, suas características representadas de forma exacerbada. O mesmo aplica-se aos espectadores e membros da equipe do programa que são tomados como objeto de deboche – o são por suas características puramente humanas, sejam elas físicas ou oriundas de sua atuação frente ao restante do público e às câmeras.

A segunda premissa para o cômico, segundo Bergson (2018), é a de que haja certa insensibilidade por parte do ridente. Caso houvesse interferência da emoção, talvez a forma, movimento, situação, palavra ou caráter em questão não fosse visto como engraçado. De acordo com o autor, “[...] o cômico só consegue produzir sua agitação se incidir sobre uma alma cuja superfície esteja suficientemente calma, suficientemente estável. A indiferença é seu ambiente natural.” (BERGSON, 2018, p. 38). Pensemos em nosso objeto: um morador de rua, uma pessoa

---

<sup>35</sup> A obra original data de 1900, tendo sido constituída pela compilação dos três artigos sobre a temática publicados pelo autor na Revue de Paris no ano anterior. A versão que utilizamos é de responsabilidade da Editora Edipro, posta em circulação no começo de 2018.

com deficiência ou um idoso que, ao rir, mostra que não possui alguns dos dentes, talvez não fossem motivos de riso se apresentados em outro contexto que não o de humor do programa. Essa é a principal diferença da comédia com relação ao drama.

A terceira observação do autor a respeito do cômico é de que não se ri sozinho: todo o riso é o riso de um grupo, grupo esse que compartilha dos mesmos preceitos. Bergson (2018, p. 39) afirma: “[...] o riso esconde um entendimento prévio, eu diria quase uma cumplicidade com os outros ridentes, reais ou imaginários.”. Tal observação vai ao encontro, como veremos mais detalhadamente adiante, das colocações de Orlandi (2005) a respeito das formações discursivas e das posições de sujeito. Os indivíduos posicionam-se de determinada maneira evocando formações discursivas específicas, que se referem aos discursos que as pessoas – ou seja, o grupo – que pensam de forma semelhante construíram e constroem. Assim sendo, podemos dizer que tal característica necessária ao cômico nada mais é do que uma característica do próprio discurso.

A partir disso, podemos questionar: quem é o “grupo” que ri das Mitadas do Bolsonaro? Nossa análise permite traçar algumas opções:

- a) ou são pessoas que não se enquadram nos motivos de riso do personagem e do presidente, e, por isso, riem de quem se enquadra;
- b) ou são pessoas que, mesmo se enquadrando, não se enxergam de tal forma e riem de seus semelhantes que são vistos assim (considerando que a posição do sujeito é determinada por ele próprio e não por terceiros);
- c) ou são pessoas que, independentemente de pertencerem a um grupo ou a outro, riem por se tratarem de discursos historicamente reproduzidos e convencionalmente aceitos, bem como por estarem sendo compartilhados pela personalidade política que apoiam, não percebendo a discriminação que carregam.

A quarta e última característica apontada por Bergson (2018) de que nos apropriamos é a de que o maior provocador do riso é a rigidez. Sabe-se que o cômico impreterivelmente tem um “quê” de humano; logo, refere-se à vida. Tudo o que é humano, ou origina-se a partir do humano, e apresenta certa mecanicidade em sua atuação, por sua vez, difere-se da dinamicidade e da flexibilidade esperada dos seres vivos. O riso tem, nesse caso, uma função social, que é a de lembrar a esse “humano” de que ele está divergindo do esperado e deve retornar a ele: funciona como um castigo.

Toda rigidez de caráter, de espírito e, mesmo, do corpo será, portanto, suspeita para a sociedade, uma vez que pode ser o sinal de uma atividade que adormece e, também, de uma atividade que se isola, que tende a se afastar do centro comum ao redor do qual a sociedade gravita, de uma excentricidade, enfim. Neste caso, no entanto, a

sociedade não pode intervir com uma repressão material, uma vez que ela não é atingida materialmente. Ela se vê em presença de algo que a preocupa, mas apenas enquanto sintoma – quase uma ameaça, no máximo um gesto. Será, portanto, com um simples gesto que ela responderá. O riso deve ser algo desse gênero, uma espécie de *gesto social*. (BERGSON, 2018, p. 44-45, grifo do autor).

Essa característica do riso é evidente em nosso objeto ao observarmos os comentários dos seguidores de Bolsonaro a respeito da “esquerda”. O deboche dos usuários aos indivíduos adeptos desse posicionamento político-ideológico evidencia um desejo de que estes “voltem ao normal”, ou seja, tornem-se adeptos da direita política (o que, para os eleitores de Bolsonaro, seria o correto).

A obra do filósofo também nos permite pensar outro conceito, tão caro à compreensão de Bolsonabo: o de humor. Bergson (2018) chega a ele ao falar da influência que a alteração do tom gera nos efeitos do cômico. Segundo o autor, ao transpor-se uma fala do tom solene para o familiar, tem-se a paródia; fazendo-se o contrário, tem-se o exagero – cada qual com sua expressividade cômica específica. Por sua vez, se fala-se o que deveria ser (ideal) como se efetivamente o fosse (real), tem-se a ironia; já se fala-se o que é (real), acreditando que é exatamente assim que deveria ser (ideal), tem-se o humor.

Ou seja: o discurso humorístico traz em si justamente a afirmação da realidade que o falante acredita existir ou espera que exista. Ele é um reflexo da forma como esse sujeito vê a si e aos outros no mundo, às posições que atribui, mesmo que sejam elas positivas para o grupo ao qual pertence e negativas para os outros. Partindo dessa premissa, Gruda (2013) classifica o humor em três tipos principais: o politicamente correto, o politicamente incorreto crítico e o politicamente incorreto acrítico.

O primeiro seria aquele feito com responsabilidade social, levando em conta as implicações éticas das mensagens que transmite. Já o segundo e o terceiro seriam expressões humorísticas que desconsideram o respeito ao próximo e mesmo os limites jurídicos da liberdade de expressão, proferindo discursos que são, no mínimo, questionáveis. A diferença entre um e outro é que, enquanto o politicamente incorreto crítico explora esses discursos com a intenção de problematizá-los ou subvertê-los (ou seja, tem uma finalidade “boa”), o humor politicamente incorreto acrítico quer dizer exatamente o que diz, sendo desrespeitoso e até discriminatório por essência.

Essa opção por uma ou outra forma de fazer humor está impreterivelmente ligada ao posicionamento político do humorista. Um exemplo que evidencia a diferença entre elas é o

debate<sup>36</sup> entre os humoristas do canal Choque de Cultura e a equipe do Programa Pânico: enquanto os primeiros dizem não achar correto utilizar o humor como um espaço para perpetuar preconceitos, os segundos criticam a “patrulha do politicamente correto” e afirmam que, para existir como tal, o humor precisa ofender alguém. Ao dizer isso, demonstram não só que o humor que fazem é o de terceiro tipo, mas que, para eles, essa seria a única opção que efetivamente se configura como humor.

Nas expressões humorísticas politicamente incorretas acríticas, o humor é tomado como uma espécie de “zona neutra do discurso”, na qual se acredita que tudo pode ser dito. É por isso que, como afirma Possenti (2010), a maior parte das suas piadas envolve temas polêmicos e opiniões a respeito deles que, normalmente, seriam reprimidas: o humor torna-se uma “máscara” para que preconceitos sejam externados sem que haja a devida responsabilização de quem o faz.

O maior problema associado ao *humor politicamente incorreto acrítico* nesta questão é o seu entendimento unilateral na construção de seu discurso, pois, ao esquecer que este é fruto das relações sociais [...], ignora completamente a possibilidade do contraditório com relação as suas colocações humorísticas. [...] não apenas rejeita ser criticado, como reduz seus opositores a meros patrulheiros do politicamente correto (GRUDA, 2013, p. 226-227, grifo do autor).

Ou seja: o humor politicamente incorreto acrítico não só utiliza seu espaço como forma de perpetuar preconceitos, mas considera-os justificáveis. Esse é o tipo de humor que identificamos nas Mitadas de Bolsonaro. Indo mais além, julgamos manifestar-se nelas um “ódio biopolítico”, expressão cunhada em nosso grupo de pesquisa para se referir à discriminação de determinadas “raças” (a ponto de tomar nesse nível até o que não é assim definido biologicamente). É dela que trataremos na seção seguinte; mas, para compreendê-la em sua totalidade, é necessária uma recuperação das principais ideias de Michel Foucault, autor no qual nos inspiramos, bem como do trajeto que ele percorreu até chegar nas observações das quais nos apropriamos – o que fazemos a seguir.

### 3.2 COMO CHEGAMOS À IDEIA DE “ÓDIO BIOPOLÍTICO”?

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) tornou-se mundialmente conhecido por estudar os dispositivos de poder. O autor teceu suas considerações a partir de um apanhado histórico do que julgou serem as três principais formas de exercício do poder vigentes na história da humanidade: a soberania, a disciplina e a biopolítica. No que chama de teoria clássica

<sup>36</sup> YOUTUBE. **Raul Chequer e Leandro Rafe (Choque de Cultura) - Pânico - 14/03/18**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D03lw0S4hgk>> (a partir de 54’25”). Acesso em: 27 out. 2018.

da soberania, o direito sobre a vida e, principalmente, sobre a morte dos súditos era delegado à figura do soberano. Segundo Foucault (1988, 1999), os indivíduos não podiam ser considerados nem vivos nem mortos, mas neutros: seu destino era definido pelo governante, que decidia a quem seria permitido viver e quem deveria morrer. “O poder era, antes de tudo, nesse tipo de sociedade, direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la.” (FOUCAULT, 1988, p. 128).

Pode-se dizer que a morte era, nessa forma de exercício do poder, mais importante do que a vida. Do ponto de vista dos súditos porque ela representava o momento em que “libertavam-se” do poder do soberano, escapando do seu alcance; e deste porque era designando um indivíduo à morte que ele demonstrava a amplitude de seu poder.

O soberano só exerce, no caso, seu direito sobre a vida, exercendo seu direito de matar ou contendo-o; só marca seu poder sobre a vida pela morte que tem condições de exigir. O direito que é formulado como “de vida e morte” é, de fato, o direito de *causar* a morte ou de *deixar* viver. (FOUCAULT, 1988, p. 128, grifos do autor).

De uma maneira ou de outra, nessa forma de exercício do poder “[...] a vida e a morte não são consideradas como fenômenos naturais, exteriores ao campo político – elas se vinculam ao soberano, ao poder, ao direito” (PELBART, 2009, n. p.). Foi assim durante muito tempo (mais precisamente até o século XVII), mas esse sistema mostrou-se incapaz de acompanhar a expansão acelerada das populações, que se deu muito em prol da sua saída do campo para a cidade em consequência do desenvolvimento do capitalismo. Este, por sua vez, necessitava de uma forma de poder que fosse capaz de cobrir a totalidade da vida, tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Além disso, uma “provocação” que começou a circular na época (elaborada, principalmente, por juristas) passou a questionar a centralidade dada à morte no exercício do poder soberano.

Eles [os súditos] o fazem [elegem um soberano], por conseguinte, para proteger a vida. É para poder viver que constituem um soberano. E, nesta medida, a vida pode efetivamente entrar nos direitos do soberano? E não pode o soberano reclamar efetivamente de seus súditos o direito de exercer sobre eles o poder de vida e de morte, ou seja, pura e simplesmente, o poder de matá-los? Não deve a vida ficar fora do contrato, na medida em que ela é que foi o motivo primordial, inicial e fundamental do contrato? (FOUCAULT, 1999, p. 287-288).

É nesse contexto, então, que se passa a implantar o que Foucault chama de biopoder – que se materializa através das tecnologias da disciplina e da biopolítica. Enquanto o objeto da disciplina é o indivíduo, o corpo enquanto máquina que deve ser otimizada, “docilizada” e controlada, o da biopolítica é a população, o corpo enquanto espécie: visa-se, através de uma série de medidas de Estado, melhorar a qualidade de vida do grupo em questão. Segundo Pelbart

(2009, n. p.), o diferencial com relação à soberania é que “[...] nesse novo regime o poder é destinado a produzir forças e as fazer crescer e ordená-las, mais do que a barrá-las ou destruí-las. Gerir a vida, mais do que exigir a morte.”

Os princípios disciplinares são postos em prática primeiro, no final do século XVII. Nesse tipo de organização, o poder não se exerce de forma centralizada, mas difundido entre as instituições sociais – como escolas, hospitais e prisões. Atua, assim, “[...] mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios” (FOUCAULT, 1999, p. 288), visando controlar e otimizar a atividade produtiva dos cidadãos comuns e corrigir os desviantes.

Já a biopolítica surge na passagem do século XVIII para o XIX. Trata-se do momento em que os estados tomam para si a responsabilidade de controle da vida das populações – não na sua condição de indivíduos, mas de espécie. A partir desse momento, “[...] a vida e seus mecanismos entram nos cálculos explícitos do poder e saber, enquanto estes se tornam agentes de transformação da vida. A espécie torna-se a grande variável nas próprias estratégias políticas.” (PELBART, 2009, n. p.).

Isso é executado a partir de uma série de medidas, que se dão no sentido de:

- a) controlar as taxas de fecundidade, natalidade, longevidade e mortalidade;
- b) evitar as endemias – que, diferentemente das epidemias, que comumente culminavam em morte, são doenças que impossibilitam temporariamente os indivíduos de produzir;
- c) lidar com a invalidez, tanto nos casos de velhice quanto nos de limitações físicas e/ou mentais de nascença ou adquiridas no decorrer da vida;
- d) dar atenção às relações das populações com os ambientes em que vivem, especialmente no contexto de desenvolvimento das cidades, dentre outras ações.

Por voltarem-se a níveis diferentes (uma ao corpo-indivíduo e outra ao corpo-espécie), a disciplina e a biopolítica podem dialogar entre si. Esse diálogo é visível principalmente no que tange à sexualidade: ao mesmo tempo em que se refere ao biológico, às relações que permitem a procriação e, logo, a preservação da espécie humana, também é atravessada por regras sociais que dizem quais comportamentos são e/ou não são adequados para uma determinada situação.

Essas regras caracterizam-se não por estarem registradas, mas por serem consensos pré-reflexivos assimilados e reproduzidos pelos sujeitos; Foucault chama-as de normas, e caracteriza as sociedades nas quais os entrelaçamentos entre disciplina e biopolítica se verificam como sociedades de normalização. As normas permitem que se adotem padrões não só de atitudes como também de pessoas, de corpos; definem, assim, quais os seres vivos

qualificados e, portanto, aptos a dar continuidade à espécie e quais os que, pelo bem dos demais, devem ser eliminados.

Esse “[...] corte entre o que deve viver e o que deve morrer” (FOUCAULT, 1999, p. 304), definido a partir da norma, é o que Foucault classifica como racismo. Ele é tão forte a ponto de ser utilizado como justificativa para que os Estados deem início a guerras. Isto é: para cumprir efetivamente sua função de preservação da vida, um Estado deve estar preparado para exterminar todos aqueles que representem um perigo a ela, seja externo ou interno. O autor afirma que

[...] esse formidável poder de morte – e talvez seja o que lhe empresta uma parte da força e do cinismo com que levou tão longe seus próprios limites – apresenta-se agora como o complemento de um poder que se exerce, positivamente, sobre a vida, que empreende sua gestão, sua majoração, sua multiplicação, o exercício, sobre ela, de controles precisos e regulações de conjunto. As guerras já não se tratam em nome do soberano a ser defendido; travam-se em nome da existência de todos; populações inteiras são levadas à destruição mútua em nome da necessidade de viver. Os massacres se tornaram vitais. (FOUCAULT, 1988, p. 129).

Agamben (2002) parte da concepção de racismo de Foucault para explorar o que, segundo ele, seria o paradigma biopolítico da modernidade: a experiência nazista dos campos de concentração. Entretanto, o autor vê a distribuição e o exercício do poder de uma forma um pouco diferente. Para ele, o fato de o direcionamento do poder do Estado para a preservação de algumas vidas ter permitido que outras fossem violentamente expostas à morte é prova de que o poder soberano não se enfraqueceu com a emergência da biopolítica, pelo contrário: passou a se exercer com muito mais força a partir dela, mas de maneira diferenciada.

Além disso, para Agamben (2002), a manifestação desta “soberania biopolítica” não se daria só com relação a raças, mas também a indivíduos em específico – os quais ele chama de *homo sacer*. Trata-se de uma figura jurídica histórica considerada matável e insacrificável. Matável porque, apesar de não ser oficialmente permitido assassiná-lo, quem o fizesse não seria condenado por homicídio<sup>37</sup>; e insacrificável porque, normalmente, era qualificado como *homo sacer* aquele que cometia algum delito e que, por isso, tornava-se indigno de ser sacrificado aos deuses. Era, portanto, uma vida destituída de seu valor: para os demais, era indiferente se vivesse ou morresse.

Essas vidas, que Agamben (2002) também chama de “vidas nuas”, são intimamente ligadas ao soberano, visto que é ele quem as define como tal e as expõe à possibilidade da morte. Hoje, entretanto, o soberano não é mais aquele de que Foucault falava quando dissertava

---

<sup>37</sup> Já que o foco deste trabalho é o humor, vale a analogia da matabilidade do *homo sacer* com o meme tradicionalmente usado para apontar a pouca culpabilização por delitos no país, em especial no caso de políticos: “É proibido, mas se quiser pode.”.

sobre a teoria clássica da soberania, mas sim qualquer pessoa que não seja classificada como uma vida nua e que possa agir de forma soberana com relação a ela, ou seja: aquela que tem o poder de matar.

Nos dois limites extremos do ordenamento, soberano e *homo sacer* apresentam duas figuras simétricas, que têm a mesma estrutura e são correlatas, no sentido de que soberano é aquele em relação ao qual todos os homens são potencialmente *homines sacri* e *homo sacer* é aquele em relação ao qual todos os homens agem como soberanos. (AGAMBEN, 2002, p. 92, grifos do autor).

Ao mesmo tempo em que a biopolítica colocou a vida no centro do interesse político, permitiu que outras vidas (as que, de alguma maneira, representavam um perigo para ela), fossem designadas à morte. Ao qualificar-se estas outras vidas como “matáveis”, estar-se-ia exercendo o poder soberano – ou seja, destituindo-as de seu caráter político, tornando-as vidas nuas. Foi exatamente o que o nazismo fez.

O hebreu sob o nazismo é o referente negativo privilegiado da nova soberania biopolítica e, como tal, um caso flagrante de *homo sacer*, no sentido de vida matável e insacrificável. O seu assassinato não constitui, portanto, como veremos, nem uma execução capital, nem um sacrifício, mas apenas a realização de uma mera ‘matabilidade’ que é inerente à condição de hebreu como tal. (AGAMBEN, 2002, p. 121, grifo do autor).

Dado o exposto, cabe explicar o porquê de, em nosso grupo de pesquisa, utilizarmos o termo “ódio biopolítico” ao invés de racismo, ou mesmo de *homo sacer*. A escolha dá-se, primeiramente, como uma forma de englobar o trabalho dos dois autores, em especial na contemplação das diferenças entre eles. Em segundo lugar, pela utilização comum da palavra “racismo” estar relacionada apenas à cor da pele, quando a concepção que utilizamos a partir de Foucault, como demonstramos, é bem mais ampla. Também porque, mesmo na compreensão do autor, o racismo está predominantemente relacionado a características biológicas, quando o ódio que identificamos é motivado também por outros fatores – como o posicionamento político, o lugar de origem e a situação socioeconômica (basta ver o tratamento que Bolsonaro prega que se dê aos “bandidos” em defesa dos “cidadãos de bem”).

Ao mesmo tempo, a expressão “discurso de ódio”, que é a que utilizávamos antes, mostrou-se problemática por dar margem a interpretações diversas. Como podemos nós classificar um discurso como sendo dotado de ódio se, muitas vezes, como é o caso do humor, ele aparece disfarçado ou suavizado de forma a não aparentar ser o que é? Como definir tais discursos de tal forma se quem o profere o faz assegurado pelo princípio da liberdade de expressão, que, da mesma forma que a culpabilização por atos discriminatórios, é assegurado pela Constituição? Como acusar um indivíduo de proferir um discurso de ódio quando este sequer está consciente das implicações do que diz, sendo sua fala reflexo de anos e anos de

imposições morais naturalizadas? Ou, ainda, como qualificar um discurso como de ódio quando os indivíduos aos quais eles se destinam não o veem de tal forma, como no caso dos espectadores de Bolsonaro? São questões às quais não conseguimos responder de maneira satisfatória.

O quinto e último motivo pelo qual optamos pelo termo foi porque as teorias de Foucault e Agamben falam de um racismo extremo, que é legitimado pelo Estado e leva à morte dos “inimigos” – o que, no contexto midiático em que vivemos, se dá de forma diferente. Hoje, o racismo e a designação das vidas nuas manifestam-se também de formas mais sutis, sendo o humor um exemplo disso. Entretanto, o humor nada mais é do que fruto de construções discursivas; logo, podemos concluir que é através dos discursos que o ódio biopolítico se reproduz. E é deles que trataremos no tópico seguinte.

### 3.3 A FORMA PELA QUAL O ÓDIO SE REPRODUZ: O DISCURSO

Para Orlandi (2005), o discurso diz respeito a uma troca de sentidos entre locutores. Segundo a autora, “[...] a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” (ORLANDI, 2005, p. 15). É necessário ressaltar, entretanto, que essa troca não se constrói apenas pela linguagem, visto que o discurso também carrega traços do contexto histórico no qual se insere e da ideologia de quem o proferiu.

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, [a Análise do Discurso] trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2005, p. 17).

Como já comentamos brevemente em momento anterior, a ideologia do sujeito é evidenciada no discurso através da referência a determinadas formações discursivas. Para Orlandi (2005, p. 43), elas podem ser compreendidas como “[...] configurações específicas dos discursos em suas relações.” Tratam-se “[...] [d]aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.” (ORLANDI, 2005, p. 43). Ou seja: funcionam como “repositórios comuns” aos quais sujeitos com posicionamentos semelhantes recorrem para construir seus discursos.

Esses repositórios são constituídos pelos interdiscursos, que se referem à memória discursiva que é retomada a cada “novo” discurso proferido. Para consolidarem-se como tal, os interdiscursos necessitam do esquecimento de quem o proferiu. É por isso que existem discursos que, apesar de não conhecermos exatamente a procedência, continuam sendo retomados pelos sujeitos, perdurando por anos e anos – como a rejeição da mulher ao lar e às tarefas domésticas, para exemplificar com uma fala constante de Bolsonaro. É um discurso despersonalizado, e é justamente isso que permite que ele se consolide e que os sujeitos continuem explorando-o.

Ao optar por uma ou outra formação discursiva, o sujeito posiciona-se. Segundo Orlandi (2005, p. 49) essa posição é

[...] um ‘lugar’ que [o indivíduo] ocupa para ser sujeito do que diz (M. Foucault, 1969): é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz. O modo como o sujeito ocupa seu lugar, enquanto posição, não lhe é acessível, ele não tem acesso direto à exterioridade (interdiscurso) que o constitui.

Ou seja: o posicionamento do sujeito é determinado por ele mesmo, não por outros. Mas essa posição é imaginária, visto que pode ser que a posição que ele efetivamente ocupa na sociedade não seja essa. É isso que explica o fato de que muitos dos espectadores das Mitadas do Bolsonaro, apesar de, aparentemente, possuírem as mesmas características do indivíduo que é motivo do riso, riem dele: porque não se veem de tal forma.

Isso é prova de como o discurso está atrelado a relações de poder. Orlandi (2005) cita três mecanismos nos quais isso mais se evidencia: nas relações de sentidos, na antecipação e nas relações de forças. Ou eles são perceptíveis no momento em que o discurso é externado ou deixam de ser justamente porque o sujeito interlocutor levou-os em consideração no momento da enunciação.

O primeiro mecanismo, referente a relações de sentidos, consiste no fato de que nenhum discurso é isolado: os diferentes discursos e formações discursivas mantêm aproximações e afastamentos entre si, e é isso que os constitui como tal. “Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.” (ORLANDI, 2005, p. 39). As relações de sentidos, no caso de Bolsonaro, ficam evidentes pelo fato de que os objetos de suas piadas são quase sempre os mesmos (mulheres, gays, aparência física ou porte dos interagentes frente ao público e às câmeras), os quais ele desdobra das mais diferentes formas.

O segundo mecanismo, a antecipação, é o que permite ao sujeito “controlar” essa interação de seu discurso com outros. Consiste em uma tentativa de previsão, por parte do

interlocutor, das reações possíveis do ouvinte à sua fala, o que o faz optar pela maneira que acredita ser a mais adequada de enunciar. “Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte.” (ORLANDI, 2005, p. 39). A antecipação é o que, no contexto de mediação, Braga (2012) chama de escuta pretendida, como vimos anteriormente. Ela é visível em nosso objeto sempre que Bolsonaro faz uma pausa antes de responder aos interagentes, pensando na resposta o mais engraçada possível.

O terceiro e último mecanismo apontado por Orlandi (2005) são as relações de força, que dizem respeito justamente à posição que o sujeito ocupa; é a ideia de que algumas falas, dependendo de quem as profere, “valem mais” do que outras. “Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’.” (ORLANDI, 2005, p. 39-40). Nas Mídias do Bolsonaro, é evidente que o discurso dele é o mais esperado e exaltado, ao passo em que tentativas dos espectadores em fazer graça são mal vistas. Já nos comentários das postagens de Bolsonaro, evidenciamos as relações de força ao observar a diferença no tratamento dado a apoiadores e opositores do presidente eleito.

Foucault (2014) também delinea algumas considerações a respeito das imbricações entre discurso e poder. O diferencial do trabalho dele com relação ao de Orlandi (2005), porém, é que ele não acredita que o poder se exerça de forma hierarquizada, mas sim nos mais diferentes sentidos – dependendo justamente de como o discurso é organizado e externado. Indo mais além, ele entende que o discurso não só funciona como uma ferramenta de imposição e de manutenção dos princípios do poder vigente como ele próprio é dotado de poder: segundo o autor, “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2014, p. 10).

De acordo com Foucault (2014, p. 8-9), é por isso que

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

O autor lista seis mecanismos de controle e exclusão aos quais quem profere um discurso pode recorrer. Três deles são de nível externo – a interdição, a separação e o regime de verdade – e três de interno – o princípio de autoria, o comentário e as disciplinas; ater-nos-emos aos

dois primeiros mecanismos de cada nível, visto que o regime de verdade e as disciplinas não se verificam diretamente em nosso objeto.

A interdição define, através do tabu do objeto, do direito privilegiado do sujeito que fala e/ou do ritual da circunstância, quem pode falar sobre o quê em que momento. Nos episódios das Mitadas do Bolsonabo, essas distinções são bem visíveis: os espaços de fala destinados aos espectadores e ao personagem são bem definidos, sendo a fala do segundo mais esperada e valorizada do que a dos primeiros. O único mecanismo de interdição que não vemos ser aplicado com frequência é o tabu do objeto, até porque, como já colocamos anteriormente, o humor é o espaço no qual discussões normalmente reprimidas vêm à tona. No quadro, uma fala só é tratada como tabu quando agride o personagem, em especial se fizer referência a sua sexualidade.

Já a separação dá-se principalmente com relação à loucura. Historicamente, os loucos ou tiveram sua palavra desconsiderada por não condizer com a realidade dos “normais”, ou foram vistos como “profetas” dotados de capacidades sobrenaturais não acessíveis aos demais. De uma maneira ou de outra, a palavra do louco é tomada como diferente da fala do restante da sociedade, é separada dela. Nos episódios do quadro, isso é visível quando Bolsonabo propositalmente cede o microfone a personalidades como “Sujinho” e “Deputado Babão”, moradores de rua que fazem comentários com pouco nexos, com o único intuito de despertar o riso – seu e dos demais espectadores.

Já com relação aos procedimentos internos de controle, o primeiro do qual nos apropriamos é o comentário, que diz respeito à retomada de um discurso anterior – com a diferença de que este é acrescido de novos dizeres, favoráveis ou contrários a ele. Foucault vê esse procedimento como um tanto limitado, visto que, para que um comentário se configure como tal, necessita retomar o discurso que lhe dá base. Mesmo assim, serve para trazer à tona o que, no discurso original, pode ter ficado nas entrelinhas. Esse mecanismo também se aplica à situação de “Sujinho”, apelidado, inclusive, de “comentarista”: após algumas de suas “mitadas”, Bolsonabo pede que ele manifeste sua opinião a respeito.

O último mecanismo que nos interessa, por fim, é o princípio da autor. Não como o indivíduo em específico que profere um discurso, visto que, como comentamos a partir de Orlandi (2005), um dos fatores necessários à expansão de um discurso é a sua despersonalização, mas como uma região de agrupamento do(s) discurso(s), como seu ponto de origem.

“O comentário limitava o acaso do discurso pelo jogo de uma *identidade* que teria a forma da *repetição* e do *mesmo*. O princípio do autor limita esse mesmo acaso pelo jogo de

uma *identidade* que tem a forma da *individualidade* e do *eu*.” (FOUCAULT, 2014, p. 28, grifos do autor). Ou seja: enquanto o comentário, por construir-se a partir da repetição de um discurso específico, sugere certa falta de originalidade por parte do falante, o princípio do autor transmite justamente essa impressão, por concentrar-se e externar-se a partir de um ponto específico. Daí a valorização das falas de Bolsonaro frente às demais.

A questão é: utilize-se de um ou de uma combinação desses mecanismos, a pessoa que profere um discurso quase sempre manifesta nele uma relação de poder. Os discursos do personagem e seu consequente compartilhamento por Bolsonaro constroem-se (e provocam o riso) principalmente através da referência a mulheres, homossexuais, aparência física e atuação dos espectadores. Nos comentários, vemos manifestar-se um ódio ainda mais específico, voltado aos opositores do presidente eleito – tanto no âmbito individual como no coletivo.

Mesmo que os vídeos, as publicações e os comentários não expressem explicitamente o desejo de morte desses indivíduos, atuam no sentido de discriminá-los, de inferiorizá-los, de situá-los fora da norma padrão – de transformá-los em vidas nuas. São justamente esses discursos, por mais “inocentes” que sejam, que, em casos mais extremos, dão fundamentação para a violência – vide os altos índices de assassinatos de mulheres e pessoas LGBT no país. E é neles que adentramos em nossa análise.

## **4 EVIDENCIANDO O ÓDIO BIOPOLÍTICO: A ANÁLISE**

Neste capítulo, apresentamos nossa análise. Na primeira parte, falamos de Bolsonabo e seu contexto de produção, destacando que os principais “objetos” de suas piadas são mulheres, gays, a aparência física e/ou a atuação dos interagentes frente ao público. Na segunda, adentramos nos compartilhamentos dos vídeos do personagem por Bolsonaro, apresentando um levantamento de todos eles e aprofundando-nos nos quatro que constatamos serem os mais relevantes, nos quais indicamos algumas recorrências expressivas dos quatro objetos citados acima. Por fim, expomos algumas incidências de ódio biopolítico que evidenciamos nos comentários destas quatro publicações. Dividimos as mensagens de ódio dos usuários como voltadas a uma esquerda “entidade”, a uma esquerda personificada em personalidades políticas e/ou, por fim, personificada em outros usuários da rede social, identificando, também, entrecruzamentos de um ódio motivado por gênero e sexualidade.

### **4.1 O PERSONAGEM E SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO**

“Bolsonabo” é interpretado pelo humorista Márvio Lúcio, popularmente conhecido como Carioca (Figura 4). Márvio nasceu em São Gonçalo, Rio de Janeiro, em 24 de janeiro de 1976. Trabalhou no Pânico por 22 anos, tanto no rádio como na televisão, e atualmente é repórter no programa Vídeo Show, da Rede Globo. O humorista ficou conhecido pelos personagens emblemáticos que interpretou – como Marcelo Sem Dente (inspirado no jornalista Marcelo Rezende), Jô Suado (inspirado em Jô Soares), Dilma Ducheff (inspirada na ex-presidenta Dilma Rousseff), Batena (inspirado no apresentador José Luiz Datena), entre outros.

Figura 4 – O humorista Márvio Lúcio (Carioca).



Fonte: Site TV História.

A interpretação que fez de Bolsonaro tinha um quadro exclusivo no programa Pânico na Band. O Pânico iniciou na Rádio Jovem Pan em 1993, coordenado pelo apresentador Emílio Surita. Segundo Bloedow e Guizzo (2015, p. 117), o programa, que, inicialmente, era voltado ao público adolescente e a temáticas de seu interesse, “logo assumiu um caráter inusitado, descontraído, com falta de seriedade, sendo marcado por fazer os ouvintes que ligavam para a rádio (e demais participantes do programa) passarem por grandes constrangimentos.”.

Em 2003, o programa migrou para a televisão, com exibição no canal RedeTV! e nome Pânico na TV. A coordenação continuou a cargo de Emílio Surita, que passou a ser acompanhado por uma série de humoristas e repórteres – sem contar as famosas “panicats”, mulheres que dançavam de biquíni em cima do palco. O Pânico foi veiculado no canal até 2012, quando uma série de negociações definiu a Rede Bandeirantes de Televisão (Band) como a nova detentora dos direitos do programa – que passou a se chamar Pânico na Band. Nesse formato, durou até o final de 2017, quando parou de ser exibido sem muitas explicações por parte da equipe e da emissora. No rádio, é veiculado até hoje, tendo como carro-chefe as entrevistas com personalidades midiáticas e políticas polêmicas.

Em seus últimos momentos na televisão, o programa era exibido ao vivo nas noites de domingo, em formato de auditório. Sua principal característica era o deboche dos espectadores, da própria equipe e, principalmente, de celebridades – com imitações, perguntas embaraçosas em entrevistas, testes que submetiam os participantes a extremos e montagens com vídeos e

imagens. Mariano e Teixeira (2014, p. 8) afirmam que, por ser conduzido desta forma, o Pânico era (e ainda é) “considerado um dos programas mais polêmicos da atualidade”.

O primeiro episódio do quadro Mitadas do Bolsonabo foi ao ar em 26 de março e o último no dia 17 de dezembro de 2017, totalizando 33 exibições. No quadro, Bolsonabo ia às ruas acompanhado por uma comitiva de seguidores, posicionava-se em seu “trono” e respondia às perguntas das pessoas que circulavam no local e paravam para vê-lo. O personagem (Figura 5) era fiel ao original tanto em termos de aparência como de atuação: para interpretá-lo, Carioca utilizava paletó, apliques no cabelo e nas sobrancelhas. Simulava uma voz semelhante à do presidente eleito e tinha expressões faciais bem marcadas ao interagir com o público.

Figura 5 – Carioca caracterizado como Bolsonabo.



Fonte: Site Te Amo Anápolis.

A trupe de homens que o escoltava também vinha caracterizada: havia soldados, que carregavam estandartes e instrumentos marciais, e homens que utilizavam camisetas com uma fotografia do personagem junto da palavra “mito”. Bolsonabo era acompanhado na chegada e na saída com uma música característica (que, em nossa análise dos comentários, descobrimos ser a Canção da Infantaria do Exército Brasileiro), e, muitas vezes, carregado por seus assessores.

Ao que tudo indica, as perguntas e respostas entre Bolsonabo e os espectadores eram previamente combinadas. Isso porque as questões eram formuladas de maneira bastante específica, dando margem para respostas certas por parte do personagem. Ao “vencer” o interagente com sua resposta, Bolsonabo era exaltado por seus seguidores, que lhe gritavam:

“Mito!” diversas vezes seguidas (em referência ao tratamento que o “verdadeiro” Bolsonaro recebe de seus apoiadores).

Nas suas “mitadas”, identificamos quatro objetos principais – se não relativos a um ódio, pelo menos motivados por características biológicas ou intrínsecas aos indivíduos. Das mulheres, Bolsonaro dizia que teriam como únicas funções executar as tarefas domésticas e servir sexualmente seus maridos, bem como que seriam facilmente atraídas com bens materiais (a grosso modo, seriam interesseiras). Além disso, o personagem submetia algumas das espectadoras mulheres a situações desagradáveis, como dar beijos nos membros da equipe do programa.

Os gays Bolsonaro explorava ao atribuir-lhes comportamentos afeminados e utilizar expressões pejorativas (como “viado”, “queima-rosca” e “morde-fronha”) como forma de xingamento. O personagem chamava à frente os homens cuja orientação sexual ficava evidente pela forma de falar ou agir para “mostrá-los” aos demais espectadores (fazendo-os dançar ou beijar os membros da equipe do programa, por exemplo).

Outro motivo de riso recorrente era a aparência física dos interagentes, ressaltada por enquadrar-se ou divergir dos padrões de beleza vigentes em nossa sociedade. O primeiro caso ocorria principalmente no caso de mulheres consideradas “bonitas”, as quais o personagem e sua trupe exaltavam. O segundo, quando algum dos atributos físicos do interagente – como o cabelo, o sorriso, o peso ou até mesmo os reflexos da idade – deixava-o “feio”.

O último fator motivador do riso que identificamos foi a atuação dos interagentes frente ao público e às câmeras. Isso se deu, em especial, no caso de algumas figuras que acabaram sendo tomadas como atração do quadro por participarem de boa parte de seus episódios. As principais, de acordo com os apelidos dados a elas por Bolsonaro, são:

- a) “Furrico”, um homem com deficiência que era motivo de deboche por sua dificuldade para falar, locomover-se e por seu peso;
- b) “Vovó”, uma senhora idosa que dizia ser apaixonada por Bolsonaro, dançava e fazia comentários aleatórios ao microfone;
- c) “Deputado Babão”, um morador de rua negro que proferia discursos fervorosos a respeito da situação do país, cuspidando enquanto falava (daí o apelido);
- d) “Sujinho”, outro morador de rua, do qual Bolsonaro e os espectadores riam por falar coisas sem sentido, definido pelo personagem como o “comentarista” das “mitadas”;
- e) e o “filho”, este parte da equipe, um homem com nanismo que era constantemente desqualificado por não saber responder a perguntas de conhecimento geral (a ponto de ser violentado fisicamente por Carioca, que o chutava de cima do palco).

Figura 6 – As principais figuras do Mitadas do Bolsonabo.



Fonte: YouTube. Congelamento, recorte e montagem das imagens feitos pela autora.

Além dessas figuras, cujo porte era motivo de riso por divergir da “normalidade”, os interagentes também eram desqualificados quando sua atuação era tão boa a ponto de ganhar do personagem. Quando os espectadores davam uma resposta mais engraçada do que a de Bolsonabo, eram punidos com a “bomba”, um jato de farinha que jorrava do microfone após o humorista acionar um botão, ou a “caipirinha” – na qual o exército de Bolsonabo atirava o interagente (sempre homem) para cima repetidas vezes e, ao soltá-lo, arrancava suas roupas íntimas. Esses casos são os que mais evidenciam as relações de força de que fala Orlandi (2005).

O mais significativo nesse processo, entretanto, não é nem a existência do personagem e os objetos de seu deboche como a apropriação dele pela própria personalidade a que remete, o presidente eleito Jair Bolsonaro: o então deputado publicou 23 vídeos relacionados ao personagem durante o ano de 2017. É a essa apropriação e, principalmente, às formas como repercutiu entre seus seguidores, que nos debruçamos daqui em diante.

## 4.2 A CIRCULAÇÃO DO PERSONAGEM NA PÁGINA DE BOLSONARO NO FACEBOOK

Jair Messias Bolsonaro é bastante ativo em sua página no Facebook. Possui mais de 8 milhões de curtidas e realiza, no mínimo, duas publicações por dia. Atualmente, a grande maioria delas é relacionada à sua rotina e às decisões de seu futuro governo. No período ao qual voltamos nossa atenção nesta análise, porém, a utilização que fazia da rede era um pouco diferente. Suas publicações, a maior parte em vídeo (o que se mantém), mesclavam discussões de cunho político, em especial críticas e provocações à “esquerda”, com conteúdos diversos, voltados à descontração dos usuários – como vídeos sobre futebol e visitas suas a cidades do Brasil e do mundo. Desta forma, Bolsonaro posicionava-se como uma pessoa simples, que, apesar de todas as suas atribuições, levava uma vida “normal” como seus eleitores, tendo tempo para dedicar sua atenção a todos eles – tanto que foi identificado como o parlamentar mais influente nas redes em 2017<sup>38</sup>. Foi justamente nesse sentido que as publicações dos vídeos de Bolsonaro foram exploradas.

Para recuperá-las, utilizamos a ferramenta de busca da plataforma, através da qual fizemos dois movimentos de pesquisa. No primeiro, buscamos pelas postagens que levassem a palavra “Bolsonabo”<sup>39</sup> em sua legenda; o resultado foram 19 vídeos. Já no segundo, a procura foi pela palavra “Carioca”<sup>40</sup>, o que nos rendeu mais quatro publicações. Esses vídeos variam entre episódios completos, trechos de episódios, um vídeo do canal de Carioca no YouTube e interações entre Bolsonaro e o humorista em uma apresentação que fez no Rio de Janeiro, à qual o presidente eleito assistiu. As 23 publicações foram feitas entre 17 de abril e 17 de dezembro de 2017, acompanhando a exibição do quadro desde seus primórdios até o final, que coincidiu com o final do programa Pânico. Isso dá-nos uma média de quase três publicações por mês, grande parte delas feita nas segundas e terças-feiras (visto que o programa ia ao ar nos domingos à noite). No quadro a seguir, relacionamos as 23 postagens e as principais informações referentes a cada uma. Nele, constam:

- a) o texto apresentado nas postagens, tal e qual sua utilização por Bolsonaro;

<sup>38</sup> FOLHA DE S.PAULO. Bolsonaro e petistas são mais influentes nas redes, diz pesquisa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 jan. 2018. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1948499-bolsonaro-e-petistas-sao-mais-influentes-nas-redes-diz-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

<sup>39</sup> Optamos por procurar apenas pelo nome do personagem porque a busca pelo nome completo do quadro poderia limitar os resultados encontrados.

<sup>40</sup> Realizamos esse movimento acidentalmente. Tentávamos encontrar uma publicação em específico para fazer o registro de sua data de publicação, mas não obtivemos sucesso buscando por todo o texto da legenda. Assim, como ela levava a palavra “Carioca”, fizemos a busca por esse termo em específico – o que nos brindou com as quatro postagens extras, três delas com algum índice (de visualizações, reações, comentários e/ou compartilhamentos) elevado, como demonstramos no quadro adiante.

- b) a data de publicação (fator que determina a ordem de exposição das postagens);
- c) o tipo de vídeo e a sua duração;
- d) a circulação de cada um dos vídeos, fator que compreende o número de visualizações, reações, comentários e compartilhamentos;
- e) e, por fim, o link para cada uma das publicações.

Quadro 1 - Relação das postagens e suas informações.

(continua)

POSTAGEM (LEGENDA)	DATA	TIPO E DURAÇÃO	CIRCULAÇÃO	LINK
- PARA DESCONTRAIR ....  - Para deixar de lado as mentiras dos jornalistas Lauro Jardim (O Globo) e Maurício Lima (Veja), incomodados por eu não estar na lista da Odebrecht. ..  - Um pouco de humor com o Carioca:	17/04	Episódio completo (6'39'')	<b>Visualizações:</b> 679 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolso naro/videos/823062877842700/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolso naro/videos/823062877842700/</a>
			<b>Reações:</b> 46 mil	
			<b>Comentários:</b> 2,9 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 6,2 mil	
- Vamos descontrair?  - Sorrir com o Carioca?  - "Juro que ele não se inspira em mim". kkkkk	28/05	Trecho de episódio (2'41'')	<b>Visualizações:</b> 2,1 mi	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolso naro/videos/846773748804946/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolso naro/videos/846773748804946/</a>
			<b>Reações:</b> 101 mil	
			<b>Comentários:</b> 7,7 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 19 mil	
- Vamos descontrair?  - O Carioca -gosta de salada de tomate, alface e Nabo.	06/06	Episódio completo (7'37'')	<b>Visualizações:</b> 903 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolso naro/videos/851151578367163/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolso naro/videos/851151578367163/</a>
			<b>Reações:</b> 55 mil	
			<b>Comentários:</b> 2,7 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 6,5 mil	

Quadro 1 – Relação das postagens e suas informações.

(continuação)

<b>POSTAGEM (LEGENDA)</b>	<b>DATA</b>	<b>TIPO E DURAÇÃO</b>	<b>CIRCULAÇÃO</b>	<b>LINK</b>
- Vamos descontrair?  - Carioca x "mitadas" do BolsoNabo. Kkkkk	19/06	Episódio completo (7'31'')	<b>Visualizações:</b> 1,3 mi	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/858522724296715/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/858522724296715/</a>
			<b>Reações:</b> 61 mil	
			<b>Comentários:</b> 3 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 7 mil	
- Mitadas do BOLSONABO 12.	03/07	Episódio completo (8'08'')	<b>Visualizações:</b> 698 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/867167703432217/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/867167703432217/</a>
			<b>Reações:</b> 46 mil	
			<b>Comentários:</b> 2 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 4,3 mil	
- Mitadas do BolsoNabo - 14.  - Comece bem a segunda-feira. Kkkkk	17/07	Episódio completo (7'10'')	<b>Visualizações:</b> 1,2 mi	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/875664752582512/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/875664752582512/</a>
			<b>Reações:</b> 67 mil	
			<b>Comentários:</b> 2,9 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 8,4 mil	
- Antes do clássico FLAMENGO X PALMEIRAS.  - Novo quadro do Carioca: "Roda Frita".  - BolsoNabo X Dilma Ducheff:	19/07	Vídeo do canal do YouTube (4'25'')	<b>Visualizações:</b> 469 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/877236432425344/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/877236432425344/</a>
			<b>Reações:</b> 25 mil	
			<b>Comentários:</b> 1,2 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 2,8 mil	
- Mitadas do BolsoNabo 15.  - Rir é o melhor remédio...	24/07	Episódio completo (9'08'')	<b>Visualizações:</b> 824 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/880436745438646/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/880436745438646/</a>
			<b>Reações:</b> 47 mil	
			<b>Comentários:</b> 1,9 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 4,7 mil	

Quadro 1 – Relação das postagens e suas informações.

(continuação)

<b>POSTAGEM (LEGENDA)</b>	<b>DATA</b>	<b>TIPO E DURAÇÃO</b>	<b>CIRCULAÇÃO</b>	<b>LINK</b>
- Rir é o melhor remédio.  - Mitadas do BolsoNabo - 16.	04/08	Episódio completo (8'09'')	<b>Visualizações:</b> 777 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/887173771431610/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/887173771431610/</a>
			<b>Reações:</b> 41 mil	
			<b>Comentários:</b> 1,4 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 3,4 mil	
- BolsoNabo também é bom de corrida.  - Vamos sorrir?	10/08	Trecho de episódio (2'25'')	<b>Visualizações:</b> 1,5 mi	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/892789747536679/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/892789747536679/</a>
			<b>Reações:</b> 64 mil	
			<b>Comentários:</b> 6,5 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 13 mil	
- Mitadas do BolsoNabo - 18.  - Rir na segunda-feira..	14/08	Episódio completo (9'59'')	<b>Visualizações:</b> 851 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/896200683862252/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/896200683862252/</a>
			<b>Reações:</b> 47 mil	
			<b>Comentários:</b> 2,5 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 6 mil	
- Mitadas do BolsoNabo - 19  - Rir é o melhor remédio. Kkkkk	29/08	Episódio completo (9'48'')	<b>Visualizações:</b> 855 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/905206492961671/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/905206492961671/</a>
			<b>Reações:</b> 42 mil	
			<b>Comentários:</b> 1,6 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 3,8 mil	
- Mitadas do BolsoNabo - 21.	11/09	Episódio completo (8')	<b>Visualizações:</b> 746 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/912891412193179/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/912891412193179/</a>
			<b>Reações:</b> 32 mil	
			<b>Comentários:</b> 1,5 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 3,4 mil	

Quadro 1 – Relação das postagens e suas informações.

(continuação)

<b>POSTAGEM (LEGENDA)</b>	<b>DATA</b>	<b>TIPO E DURAÇÃO</b>	<b>CIRCULAÇÃO</b>	<b>LINK</b>
- Mitadas do BolsoNabo 22.	18/09	Episódio completo (7'52'')	<b>Visualizações:</b> 531 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/917418421740478/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/917418421740478/</a>
			<b>Reações:</b> 24 mil	
			<b>Comentários:</b> 1 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 2,1 mil	
- Mitadas do BolsoNabo - 22 <sup>41</sup> .  - Rir é o melhor remédio.	02/10	Episódio completo (8'46'')	<b>Visualizações:</b> 832 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/925687607580226/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/925687607580226/</a>
			<b>Reações:</b> 37 mil	
			<b>Comentários:</b> 1,5 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 3,3 mil	
- Mitadas do BolsoNabo 23.  - Boa segunda-feira à todos.	09/10	Episódio completo (9'10'')	<b>Visualizações:</b> 393 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/930187367130250/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/930187367130250/</a>
			<b>Reações:</b> 25 mil	
			<b>Comentários:</b> 1155	
			<b>Compartilhamentos:</b> 1,6 mil	
- Mitadas do BolsoNabo E-24.	16/10	Episódio completo (7'10'')	<b>Visualizações:</b> 417 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/934678276681159/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/934678276681159/</a>
			<b>Reações:</b> 25 mil	
			<b>Comentários:</b> 1159	
			<b>Compartilhamentos:</b> 1,4 mil	
- Mitadas do BolsoNabo E-25.  - Alguns minutos de descontração.	24/10	Episódio completo (9'54'')	<b>Visualizações:</b> 430 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/939143666234620/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/939143666234620/</a>
			<b>Reações:</b> 18 mil	
			<b>Comentários:</b> 843	
			<b>Compartilhamentos:</b> 1,2 mil	

<sup>41</sup> Este vídeo leva o mesmo número do anterior em sua legenda, mas são episódios diferentes.

Quadro 1 – Relação das postagens e suas informações.

(conclusão)

<b>POSTAGEM (LEGENDA)</b>	<b>DATA</b>	<b>TIPO E DURAÇÃO</b>	<b>CIRCULAÇÃO</b>	<b>LINK</b>
- Mitadas do BolsoNabo E-26.  - Rir ainda é o melhor remédio.	30/10	Episódio completo (9'50'')	<b>Visualizações:</b> 499 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/942451392570514/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/942451392570514/</a>
			<b>Reações:</b> 22 mil	
			<b>Comentários:</b> 1095	
			<b>Compartilhamentos:</b> 1,3 mil	
- Mitadas do BolsoNabo E-28.	07/11	Episódio completo (7'31'')	<b>Visualizações:</b> 394 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/946723112143342/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/946723112143342/</a>
			<b>Reações:</b> 17 mil	
			<b>Comentários:</b> 487	
			<b>Compartilhamentos:</b> 901	
- BolsoNabo X Bolsonaro.	16/12	Trecho de show (27'')	<b>Visualizações:</b> 208 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/970651603083826/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/970651603083826/</a>
			<b>Reações:</b> 14 mil	
			<b>Comentários:</b> 486	
			<b>Compartilhamentos:</b> 961	
- Márvio Lúcio (Carioca), BolsoNabo, Amin Khader e Jair Bolsonaro.  - Teatro Oi Casa Grande/Rio/RJ.  - Vamos descontrair.....	17/12	Trecho de show (2'21'')	<b>Visualizações:</b> 580 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/970992436383076/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/970992436383076/</a>
			<b>Reações:</b> 41 mil	
			<b>Comentários:</b> 1,7 mil	
			<b>Compartilhamentos:</b> 8,3 mil	
- Márvio Lúcio (Carioca) e Jair Bolsonaro momentos antes de sua apresentação.	17/12	Trecho de show (2'57'')	<b>Visualizações:</b> 177 mil	<a href="https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/971157599699893/">https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/971157599699893/</a>
			<b>Reações:</b> 14 mil	
			<b>Comentários:</b> 499	
			<b>Compartilhamentos:</b> 701	

Fonte: Elaborado pela autora.

Para determinar quais das postagens analisaríamos de forma mais detalhada, buscamos pelas 5 com os maiores números de visualizações, reações, comentários e compartilhamentos, o que nos deu sete postagens com algum dos índices em destaque. Destas sete, quatro foram destaque em todos os aspectos; é a elas que nos atemos daqui em diante. Analisamos cada um dos vídeos contidos nelas com base nas quatro categorias de “mitadas” que identificamos – mulheres, gays, aparência física e porte, assim como também apontamos outras interações entre o personagem e os espectadores que julgamos pertinentes. Ao final, recuperamos os principais apontamentos feitos a fim de demonstrar como as falas de Bolsonaro tratam cada um dos objetos, identificando a incidência (ou não) de ódio biopolítico neles, além de traçar relações entre as falas do personagem e as do “verdadeiro” Bolsonaro.

#### **4.2.1 “Juro que ele não se inspira em mim...”**

O primeiro dos vídeos que analisamos é o segundo relacionado no Quadro 1. Foi publicado por Bolsonaro no dia 28 de maio de 2017 e tem duração de dois minutos e quarenta e um segundos (2’41’’). Refere-se a um trecho do sétimo episódio do quadro, que possui seis minutos e dez segundos (6’10’’) de duração total. Dos quatro vídeos que identificamos como mais repercutidos, este foi o que obteve os maiores números de visualizações, reações, comentários e compartilhamentos.

A primeira coisa que chama a atenção é o texto utilizado por Bolsonaro na postagem: o presidente incentiva seus seguidores a assistirem o vídeo para descontraírem-se, desconsiderando a “seriedade” daquele conteúdo. Ao final, faz uso da ironia ao dizer que “jura que Carioca não se inspira nele” – o que, se lembrarmos de Bergson (2018) e seu jogo entre “real” e “ideal”, seria o ideal, já que o personagem diz e faz coisas que, se analisadas criticamente, são absurdas. Porém, ao utilizar a ironia de tal forma, Bolsonaro afirma que o personagem “realmente” é inspirado nele.

Já no que tange ao vídeo em si, temos alguns exemplos<sup>42</sup> expressivos dos quatro principais objetos das “mitadas”. O relativo a mulheres surge quando uma espectadora pergunta: “Bolsonabo, tu acha que mulher tem que trabalhar fora ou em casa?”, ao que Bolsonaro responde: “A mulher tem que trabalhar em casa! Mulher é igual lençol: da cama pro tanque, e do tanque pra cama!”. Já o exemplo sugestivo da opinião do personagem a respeito

---

<sup>42</sup> Os exemplos apresentados nesta e nas seções seguintes não representam a totalidade das “mitadas” proferidas durante o episódio.

da homossexualidade fica evidente quando um espectador pergunta: “Você acha que homem com brinco queima filme?” e a resposta que recebe é: “Não, queima a rosca!”.

A categoria de “mitadas” relacionadas à aparência física dos interagentes foi a que nos proporcionou mais exemplos no vídeo em questão. No primeiro que destacamos, uma espectadora pergunta: “Você acredita em bruxa?”, ao que, instantaneamente, alguém da plateia diz: “Depois que eu vi ela eu acreditei, viu!?” – do que todos os presentes riem. Bolsonaro rebate à mulher: “Vou fazer outra pergunta: você gosta de vassoura?”, ao que ela responde: “Eu gosto!”; o personagem, então, finaliza sua “mitada” com: “Então eu acredito!” e é ovacionado pela plateia. Nesse caso, fica evidente o esforço da espectadora para não rir enquanto fazia a pergunta, o que sugere que a interação foi previamente combinada com a produção do programa e ela já esperava por uma resposta do tipo.

O segundo exemplo é a reação de Bolsonaro à chegada de um novo interagente ao microfone. Pelo fato de o homem ter uma barba comprida, o personagem diz: “Você provavelmente é da Síria... Refugiado... Tem uma cara de refugiado do ca...”, tendo a última palavra da frase suprimida por um bipe. O terceiro e último exemplo que destacamos é a interação entre Bolsonaro e uma espectadora que, por estar realizando um trabalho de divulgação para uma ótica, estava fantasiada de Chiquinha (personagem do seriado Chaves). À pergunta: “Bolsonabo, o que você vai fazer depois daqui?”, Bolsonaro responde: “O que que eu vou fazer depois daqui? Não sei... O que você sugere?”; a espectadora, então, diz: “Vamos tomar um chope?”, ao que Bolsonaro responde com: “Olha, pra encarar você só se for cachaça!”.

Figura 7 – Espectadores tomados como objeto de deboche por sua aparência no episódio 7 do quadro.



Fonte: YouTube. Congelamento, recorte e montagem das imagens feitos pela autora.

No que tange à atuação dos interagentes frente ao público e às câmeras, por fim, destacamos um exemplo. Uma interagente começa sua pergunta com: “Bolsonado...”, no que Bolsonabo interrompe-a: “Pera aí, que voz é essa aí?”. Um espectador da plateia grita “Vai, demônio!”, fala que é destacada em um balão de texto no vídeo; Bolsonabo diz, com voz fina, supostamente imitando a espectadora: “Bolsonabo...”, ao que completa, desta vez com sua voz característica: “Fala de novo!”. A interagente, então, tenta novamente: “Bolsonado...”, mas volta a ser impedida pelo personagem: “Parece desenho infantil, né?”. Continua, outra vez imitando a voz da mulher: “Olá, eu sou a formiguinha!”, e finaliza com sua voz normal dizendo: “Fala assim! Qual é a sua pergunta?”. A interagente tenta novamente: “Bolsonado...”, e, desta vez é repreendida pela forma como pronunciou o nome do personagem: “É Bolsonabo!”. Só depois disto ela consegue propor sua questão ao humorista. Durante todo esse processo, a plateia ri da voz da mulher e, principalmente, da imitação que Bolsonabo tenta fazer dela.

#### 4.2.2 “Eu tenho! Você não tem!”

O segundo vídeo em destaque é o quarto listado em nosso Quadro. Foi publicado em 19 de junho de 2017 e possui sete minutos e trinta e um segundos (7’31’’) de duração. Trata-se do episódio 11 do quadro, publicado por Bolsonaro em sua versão integral. No texto da postagem, novamente o presidente faz referência à descontração propiciada pelo conteúdo do vídeo. Desta

vez, fez menção à página oficial de Carioca na rede social através de um hiperlink – ao que, cabe destacar, o humorista respondeu com um comentário de aprovação. A seguir, apresentamos exemplos ilustrativos de cada uma das categorias de “piadas”.

Dos relacionados a mulheres, separamos quatro. No primeiro, um espectador pergunta: “Bolsonabo, quando você era mais novo, você gastava dinheiro com prostituta?”; o personagem responde: “Como é que você acha que você tá aqui? Pergunta pra sua mãe!”. Outro exemplo de inferiorização de mulheres é evidente quando uma espectadora pergunta: “Qual time de futebol você acha que combina mais com as mulheres?” e o personagem responde: “Eu acho que é o Botafogo.”. Após a interagente alegar não ter entendido, Bolsonabo explica: “Porque não pode viver sem o fôgão!”.

Mais um caso interessante foi a pergunta: “Você é a favor da ditadura de 64?”, vinda de uma espectadora mulher e remetendo às declarações favoráveis à ditadura feitas por Bolsonaro. A resposta do personagem foi: “Olha... Com você, eu sou a favor da ditadura em 69!”, denotando seu interesse sexual pela espectadora. Por fim, há a pergunta de outra interagente mulher, que disse: “Bolsonabo, você já leu o livro *A garota que pensa?*” e recebeu como resposta do personagem: “Eu nunca li ficção científica!”. Neste caso, vale destacar que a interagente tinha estrabismo, o que foi destacado por um dos membros da plateia, que a chamou de “vesguinha” – servindo também como um exemplo de comentário pejorativo sobre aparência física.

O primeiro comentário relacionado à homossexualidade surge a partir da pergunta: “Bolsonabo, se eu ir na urna eletrônica e votar em você, você vai ficar feliz?”, feita por um interagente homem. A ela, o personagem responde: “Claro que eu vou!”; então, o interagente rebate: “Então é só enfiar o dedo no seu botão que você fica feliz, né?”. Ao ver que a plateia estava exaltando a “mitada” do espectador, Bolsonabo lhe dá um jato de farinha e manda sua trupe tirar-lhe a camisa e fazer-lhe uma caipirinha – como que buscando restaurar sua masculinidade e liderança roubada.

Outro exemplo é evidente quando Bolsonabo convida uma das espectadoras mulheres a conhecer mais de perto seu filho. Após Bolsonabo sugerir que ambos se beijem, o filho faz uma revelação ao pai: diz ser gay. Nisso, o personagem chuta-o de cima do palco e diz: “Você acha que eu vou ter filho viado, rapaz? Tá maluco, rapaz?”. Por fim, o personagem também faz referência à lesbianidade: após uma espectadora dizer que seu nome era Bethânia<sup>43</sup>, Bolsonabo

---

<sup>43</sup> Não sabemos se esta é a forma correta de escrever o nome da espectadora. Optamos por fazê-lo com base no nome da cantora à qual o personagem se refere, Maria Bethânia.

lhe pergunta: “Você também gosta da...”, frase que completa com um gesto com as mãos, indicando uma vagina – fazendo alusão à orientação sexual da cantora Maria Bethânia.

Um caso de comentário relacionado a aparência física ocorre quando um espectador de cabelos crespos (Figura 8) chega ao microfone para fazer sua pergunta e o personagem questiona: “Ô, que cabelo é esse aí?”, incitando sua trupe e a plateia a vaiarem o homem. Os espectadores, então, começam a gritar: “Biro Biro! Biro Biro!”, remetendo ao ex-jogador de futebol brasileiro, que também possui cabelos cacheados.

Figura 8 – Espectador tomado como objeto de deboche por sua aparência no episódio 11 do quadro.



Fonte: YouTube. Congelamento e recorte da imagem feitos pela autora.

No que tange ao deboche em decorrência da atuação dos interagentes, Furrico aparece como um exemplo. O personagem inicia de costas para o homem, que o chama por diversas vezes, implorando por atenção. Quando se vira, Bolsonabo diz: “Que que é esse cara de novo aí, pô? Olha esse bigode na tua sobranalha, cara!”, fala da qual o público presente ri. Quando incitado a fazer sua pergunta, Furrico pede um minuto; então, pega um papel e lê o que está escrito nele, as palavras “nióbio” e “grafeno” (pensadas para remeter ao Dr. Enéas, candidato à presidência nas eleições de 1989, 1994 e 1998 que ficou famoso por seus bordões, também já exaltado por Bolsonaro). O homem fala as palavras diversas vezes, as quais Bolsonabo repete,

imitando-o. No final, incita a plateia a aplaudir Furrico, diz que ele está aprovado e pergunta se ele não quer entrar para a equipe, o que o interagente responde com um “não”.

Outra interagente cuja atuação é ovacionada pela plateia é a apelidada por Bolsonabo de Vovó. A senhora “invade” o microfone e começa a falar de como a situação atual do país está difícil. O personagem vai incentivando-a a falar mais e a conversa foge do controle, chegando ao goleiro de futebol Taffarel (por causa de um apito que Vovó tinha pendurado em seu pescoço) e à canção Ai! Que saudade da Amélia, de Mário Lago (após Bolsonabo questionar se o nome de Vovó era Amélia). Essa é uma das interações que não são planejadas, mas que, ao ver que provocam o riso da plateia, o humorista deixa fluírem naturalmente.

Outro acontecimento expressivo do episódio é quando um espectador mostra um spinner (brinquedo giratório) a Bolsonabo, alegando: “Eu tenho! Você não tem!”. Nisso, a câmera volta-se aos “soldados” do personagem, que também estão com o brinquedo e repetem a fala do espectador. A câmera volta-se novamente ao interagente, que repete seu ato; por fim, volta-se a Bolsonabo, que retira uma arma de brinquedo do bolso do paletó e diz: “Eu tenho! Você não tem!”, finalizando a interação com um “tiro” – que, na versão final do vídeo, remete ao meme da explosão da churrasqueira elétrica no programa do Faustão. A interação foi visivelmente pensada para remeter à liberação do armamento, um dos carros-chefes da campanha de Bolsonaro à presidência.

#### 4.2.3 “Eu sou o que?” “Viado!”

O terceiro vídeo trata-se da versão completa do episódio 14 do quadro, com duração de sete minutos e dez segundos (7’10”), sendo o sexto na ordem do Quadro 1. Foi publicado por Bolsonaro no dia 17 de julho de 2017, acompanhado do desejo do presidente de que os seguidores tivessem uma boa segunda-feira após assisti-lo.

O primeiro exemplo ilustrativo da opinião de Bolsonabo a respeito das mulheres fica evidente quando um espectador pergunta: “A mulher gosta mais de tapa ou carinho?”. A resposta do personagem é: “Óbvio que a mulher gosta mais de carinho, né? De um relógio carinho, um carro carinho, uma jóia carinha, né?”. O mais interessante é que, enquanto fala, o personagem aproxima-se de uma espectadora que o assiste; assim que ele termina sua exposição, ela concorda: “Lógico!”.

No segundo exemplo que levantamos, um espectador pergunta: “Bolsonabo, se só existissem mulheres na política, você acha que, ainda assim, ia ter [a Operação] Lava Jato?”; o humorista respondeu: “Não, ia ter lava prato!”. No último caso, por fim, uma espectadora pergunta a Bolsonabo: “Qual música você acha que combina comigo? O Show das Poderosas?”.

A resposta que obtive foi: “Solteirinha? Até dá. Depois que casar... Me diga onde você vai, que eu vou varrendo...”, música na qual a trupe e a banda acompanham o personagem em coro. Indignada, a interagente diz: “Mulher só serve pra isso pra você? Tá errado isso! Cadê as mulheres daqui?”; porém, ninguém a responde, e é acrescentado ao vídeo o som de vento em um lugar silencioso – sugerindo que ela está sozinha.

A inferiorização dos homens homossexuais, por sua vez, é evidente logo no começo do vídeo. Sempre que abre o episódio, o personagem diz: “Está começando mais um Mitadas do Bolsonabo! Eu sou o que?” – ao que seus seguidores respondem: “Mito!”. Desta vez, porém, após sua tradicional pergunta, um espectador responde: “Viado!” – do que todos riem.

Destacamos dois exemplos (Figura 9) apresentados no vídeo que se enquadram na categoria de “mitadas” sobre aparência física. No primeiro, um interagente pergunta: “A minha mulher não me beija há cinco meses... Você acha que ela tem alguma coisa?”, ao que o personagem responde: “Ela tem... Bom senso!”. No segundo, uma espectadora, que Bolsonabo julga parecida com a apresentadora Marília Gabriela por ser alta e ter cabelos louros, diz: “Eu sou apaixonada por você! Fica comigo?”. Abaixo de gritos de: “Beija! Beija!” da plateia, o personagem diz: “Quem gosta de velha é reumatismo!”.

Figura 9 – Espectadores tomados como objeto de deboche por sua aparência no episódio 14 do quadro.



Fonte: YouTube. Congelamento, recorte e montagem das imagens feitos pela autora.

Na categoria de porte frente ao público e às câmeras, novamente temos Furrico. Após o episódio citado acima, Bolsonabo pergunta ao seu filho se ele sabia o que era reumatismo; após

ele responder que não, Furrico manifesta-se da plateia e diz que sabe. Vai, então, até o microfone, e diz que reumatismo significa “romântico” (confundindo a palavra com “romantismo”). Bolsonaro, então, fica repetindo a palavra diversas vezes, fazendo com que Furrico também a repita até deixá-lo estressado – como costuma fazer com o homem na maioria dos episódios. Ao final do episódio, Furrico é chamado a se juntar à banda e ao personagem para sua despedida – como um objeto a ser “exibido” para que os outros riam.

Há, ainda, dois exemplos com os quais é possível fazer associações a Bolsonaro. O primeiro é a pergunta de um espectador a respeito de existir “sertanejo universitário”, mas não “funk universitário”. Bolsonaro diz que isso ocorre porque os funkeiros não possuem nem o primário completo, ou seja, não têm estudo – o que realmente se aplica a muitos dos artistas do gênero, que são oriundos de comunidades pobres e possuem trajetórias de vida difíceis. Nesse sentido, o desdém do personagem com os funkeiros pode ser relacionado ao de Bolsonaro com os pobres, já evidenciado neste trabalho em um comentário feito pelo ex-parlamentar.

O segundo exemplo é bastante semelhante: após o questionamento da moça com relação ao tratamento dado por Bolsonaro às mulheres, um interagente chamou o personagem de “cozinha” (apelido dado a pessoas de direita por militantes de esquerda) e disse que ele deveria respeitar a “quebrada”. Nisso, o personagem chamou-o de “viado” e “marginal” e disse que ele é que deveria respeitá-lo. É sugestivo do tratamento dado por Bolsonaro a seus opositores, como no caso dos “marginais vermelhos”, assim como aos supostos “marginais” que ele planeja combater a qualquer custo em defesa dos “cidadãos de bem”.

#### **4.2.4 “Se seu filho...”**

O quarto e último vídeo de maior destaque foi o décimo na ordem do Quadro 1, publicado no dia 10 de agosto de 2017 e com duração de dois minutos e vinte e cinco segundos (2’25’’). Trata-se de um caso um pouco diferente: primeiro, por parecer ter sido editado por fãs de Bolsonaro, visto que é acompanhado da frase: “O melhor vídeo do ano” na parte superior e emojis de riso na parte inferior da imagem. Segundo, por ser apenas o trecho de um dos episódios, a parte final, em que Bolsonaro pratica corrida e recita canções com seus seguidores assim como é feito no Exército. Isso só passou a ser feito a partir do 17º episódio, justamente do qual o trecho é retirado. No vídeo, identificamos a incidência de “piadas” relacionadas a duas das categorias propostas: mulheres e gays, além da referência a usuários de drogas.

A música cantada por Bolsonaro e seus seguidores diz o seguinte: “Ei, você aí de casa / Ei, mulher aí de casa / Você tem que obedecer / O cartãozinho vai perder / Mito, mito-to / Mito, mito-to / Vai pro shopping sem dinheiro / Não vai ter cabeleireiro / Suas amigas vão zoar

/ Frase incompreensível / Mito, mito-to / Mito, mito-to / Lá em casa é diferente / É mulher obediente / Se o Facebook não largar / O celular eu vou quebrar / Se no Facebook você ficar / O celular eu vou quebrar / Mito, mito-to / Mito, mito-to / Eu gosto de arroz soltinho / De cerveja e salaminho / Às oito eu vou chegar / Sirva bem o meu jantar / Mito, mito-to / Mito, mito-to / Se seu filho ouve Anitta / E também Pabllo Vittar / Fique esperto, meu amigo / Ele tá dando o furrico / Eu jamais vou admitir / Filho meu no Morumbi [estádio do São Paulo Futebol Clube] / Prefiro filho sem vergonha / Do que filho morde fronha [expressão pejorativa para se referir a homens gays] / Mito, mito-to / Mito, mito-to / Se seu filho é maconheiro / Coloca pra lavar banheiro / Se seu filho é cheirador / Vai limpar com o aspirador / Se seu filho é bichinha / Vai ajudar a mãe na cozinha / Mito, mito-to / Mito, mito-to”.

Este e os demais exemplos apresentados são bastante sugestivos do posicionamento do personagem a respeito das mulheres, dos gays, da aparência física e da atuação dos espectadores. As mulheres Bolsonaro reduz à execução das tarefas domésticas; afirma também que são facilmente atraídas por bens materiais e não pensam em nada além de futilidades, como acessar as redes sociais e ir ao cabeleireiro.

A homossexualidade, por sua vez, é vista pelo personagem como algo vergonhoso. Expressões pejorativas utilizadas para se referir a essa orientação sexual, como “viado”, “morde-fronha” e “queima-rosca”, são constantemente exploradas por Bolsonaro como forma de desqualificar os interagentes homens. A canção do último vídeo evidencia que, para o personagem, é preferível qualquer coisa a um filho homossexual (o que também é visível quando seu filho é chutado do palco por ele ao afirmar ser gay); ao mesmo tempo, sugere que tal “comportamento” seria “reversível” através de trabalho braçal.

No que tange à aparência física, os comentários do personagem sugerem que há aquelas pessoas que são bonitas, e, conseqüentemente, dignas de se relacionar, e as que são tão feias que nem ele nem ninguém chegaria perto. Os motivos que tornam uma pessoa “feia” para o personagem são os mais diversos: o cabelo, o sorriso, o peso e até os reflexos da idade. Por fim, com relação à atuação frente ao restante do público e às câmeras, vimos indivíduos sendo tomados como objeto de deboche por sua voz, sua dificuldade em se expressar e pela falta de sentido em algumas de suas formulações.

É claro que nem sempre o ódio biopolítico está explícito nas “mitadas” do personagem. Nem mesmo é possível afirmar que todos os discursos proferidos por Bolsonaro contém, de fato, um ódio biopolítico. Mas é impreterível que as tiradas do humorista se constituem a partir de características biológicas ou, pelo menos, intrínsecas aos interagentes – como seus atributos

físicos ou forma de se expressar. Além disso, é mais do que certo que as suas “piadas” são, no mínimo, desrespeitosas; o caso em que isso fica mais evidente é o de Furrico, um homem do qual Bolsonabo e os demais espectadores riem por ser deficiente.

As duas categorias nas quais o ódio biopolítico é efetivamente visível são a de mulheres e gays. Nelas, vemos os indivíduos sendo reduzidos a seu sexo e orientação sexual, atributos que são explorados de forma a inferiorizá-los, situá-los fora da norma – torná-los, por fim, vidas nuas. Esses dois objetos de “mitadas” também são os que mais mantêm relação com os discursos proferidos pelo “verdadeiro” Bolsonaro. O posicionamento do personagem a respeito de existirem mulheres “pegáveis” ou “não-pegáveis”, dependendo de sua aparência física, remete à afirmação de Bolsonaro a respeito de não estuprar a deputada Maria do Rosário por considerá-la muito feia. O mesmo se aplica ao desprezo de Bolsonabo por ter um filho gay, sentimento que o presidente eleito também afirmou que nutriria caso um de seus filhos o fosse. Vimos ainda outras pautas caras a Bolsonaro serem tratadas de forma transversal pelo personagem, como o armamento e a ditadura militar.

A pergunta que fica é: qual a “culpa” do presidente eleito nesse processo? Durante a pesquisa, tivemos dúvidas com relação ao tanto de responsabilidade que era possível atribuir a Bolsonaro, visto que, apesar de inspirado nele, o personagem possui uma identidade própria, em especial pela forma como se dão as interações entre ele e os espectadores. Ao compartilhá-lo, Jair não necessariamente poderia estar percebendo e considerando todos os sentidos em disputa nos vídeos. Cogitamos que ele podia tê-los publicado apenas por tê-los julgado engraçados, ou então por terem sido produzidos por um humorista do qual gosta. Ou, ainda, por ter visto que era uma estratégia que funcionava para aproximá-lo ainda mais de seus seguidores.

Além disso, como comentamos no decorrer do trabalho, o Mitadas do Bolsonabo trata-se de uma manifestação politicamente incorreta acrílica, que surge rotulada como uma “brincadeira” de forma a não parecer o que é. Também há o fato de que os discursos expressos pelo personagem são reflexo de séculos de imposição, como é o caso da submissão das mulheres ao lar e aos homens, sendo convencionalmente aceitos e reproduzidos pelos sujeitos sem que eles sequer reflitam sobre o que estão dizendo. Ou seja, havia a possibilidade de Bolsonaro estar compartilhando os vídeos do personagem ingenuamente.

No que tange aos três primeiros palpites, acreditamos que a publicação dos vídeos foi feita a partir de uma soma de todos eles. Mas, a partir de um dos vídeos em específico (o último a ser compartilhado, um dos que mostra Bolsonaro e Carioca conversando nos bastidores de uma apresentação que o humorista fez no Rio de Janeiro) percebemos que era impossível

considerar que Bolsonaro não estava consciente da discriminação presente nos discursos do personagem.

O vídeo foi um dos que teve menos circulação entre os 23, até porque não se compreende boa parte do que é dito nele; entretanto, é o mais importante para demonstrar a posição de Bolsonaro com relação ao humorista e ao personagem. Ao final do vídeo, Carioca sussurra uma “piada” para Bolsonaro, que lhe diz: “Se eu falar, cai processo, cara...”. Carioca, então, rebate: “Mas sou eu que vou falar!”, no que Bolsonaro se tranquiliza: “Ah, você pode falar o que você quiser!” – como que autorizando o humorista a falar por ele as coisas que ele próprio não pode por sua posição política e pública. Ou seja: o presidente eleito não só estava consciente da “seriedade” dos discursos do personagem como o seu compartilhamento pode ser compreendido como uma maneira de continuar dizendo exatamente as coisas que sempre disse.

Ao mesmo tempo, em 14 das 23 publicações, Bolsonaro faz referência ao humor de Carioca como algo capaz de melhorar o dia e fazer esquecer do momento de crise que o país vive, sugerindo que, por ser algo à parte da realidade, não deve ser lido em seu sentido literal. Desvincula, assim, sua imagem da do personagem, mesmo uma sendo dependente da outra. Nos comentários, tanto a imitação de Carioca como o compartilhamento dela pelo presidente eleito são bem recebidos. O ódio biopolítico, por sua vez, aparece relacionado a duas das categorias de mitadas: mulheres e gays. Identificamos, ainda, um terceiro objeto do ódio, este manifestado de forma muito mais incisiva do que as “mitadas” do personagem: a esquerda política.

### 4.3 O QUE OS USUÁRIOS DIZEM

Dado o grande número de comentários das publicações, fizemos a opção por analisar os 50 tudos pela plataforma como mais relevantes em cada uma, bem como suas respostas. Ao observá-los, fizemos algumas constatações. A primeira é que boa parte dos comentários em nada tem relação com o conteúdo dos vídeos, tratando-se apenas de manifestações de apoio a Jair, suas propostas e sua ainda incerta candidatura à presidência em 2018 (o que percebemos que ocorre em boa parte de suas postagens). As mensagens utilizam-se de hashtags (sendo “#Bolsonaro2018” a mais recorrente), imagens e textos criativos, do tipo produzido em grupos de fãs, e tratativas dotadas de carinho e respeito, como “Senhor”, “Capitão” e “Vossa Excelência”. Os usuários declaram não só o seu voto como também o de suas famílias e até cidades inteiras, as quais convidam o presidente eleito a visitar.

A segunda observação que fizemos é que, dos comentários relacionados ao humor, a grande maioria são manifestações de aprovação ou reprovação ao personagem e ao seu compartilhamento por Bolsonaro. Quase não há discussões relacionadas especificamente aos discursos proferidos por Carioca em sua imitação, com exceção daqueles comentários nos quais os usuários reproduzem trechos das falas do personagem para ilustrar o quanto são engraçadas – que, no final das contas, nada mais são do que mensagens de aprovação.

A aprovação dá-se principalmente por Bolsonaro compartilhar um personagem que, em tese, poderia comprometer sua imagem, o que o faz diferente de “outras” personalidades políticas. Os comentários positivos também eram direcionados ao humorista por interpretar o então presidenciável, o que, na visão de muitos dos usuários, funcionava como uma campanha gratuita para ele. Já a reprovação vinha de usuários preocupados com o fato de que a imitação ferisse a imagem pública de Bolsonaro (o que é um indicativo expressivo do vínculo do presidente com seus apoiadores), ou que acreditavam que ele deveria falar de assuntos sérios, como a atual situação do país, ao invés de compartilhar vídeos de humor. Houve ainda aqueles poucos que simplesmente não acharam graça nos vídeos do programa.

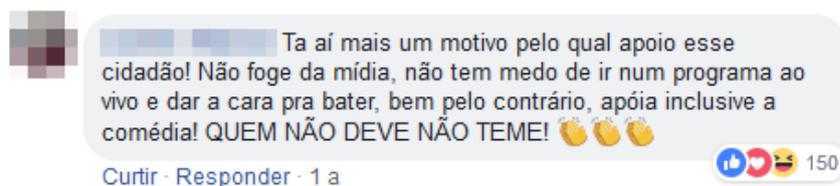
A terceira e mais significativa constatação, por fim, foi com relação ao ódio biopolítico. Da mesma forma que os comentários citados acima, aqueles nos quais o ódio é expresso apareceram de forma bastante difusa. O foco do seu direcionamento era principalmente a esquerda política – ora tratada como uma “entidade”, um grupo homogêneo e despersonalizado, ora personificada em personalidades midiáticas e políticas específicas e, por fim, personificada em determinados usuários. Dentro de cada uma dessas tipologias, ainda foi possível evidenciar casos de ódio biopolítico destinado a mulheres e homossexuais. Apresentamos os apontamentos e exemplos mais específicos daqui em diante.

### 4.3.1 Ódio biopolítico direcionado à esquerda “entidade”

Os primeiros comentários nos quais ficou evidente o sentimento dos apoiadores de Bolsonaro pela esquerda política foi na recepção que tiveram da publicação dos vídeos pelo presidente. A grande maioria dos usuários considerou o ato louvável por sugerir que Jair é uma pessoa leve, descontraída e que sabe “levar as coisas na brincadeira”, o que o faria diferente de outras personalidades políticas do país.

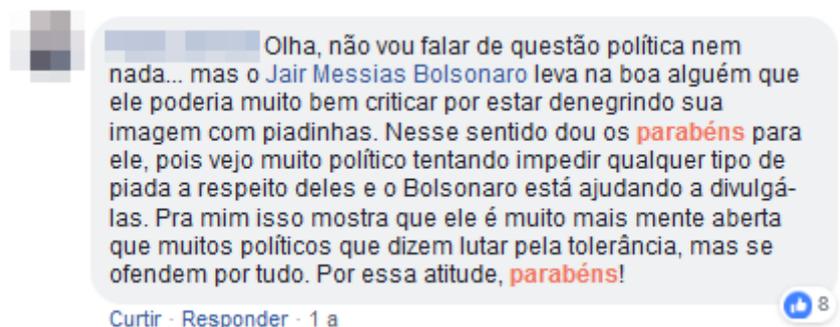
O interagente da Figura 10 exalta Bolsonaro por este não ter medo de “dar a cara pra bater”, visto que não deve nada a ninguém – insinuando que há aqueles que devem e, por isso, fogem da mídia e de representações como a de Carioca. Já na Figura 11, a atitude do presidente é comparada à de “outros políticos” que, segundo o usuário, não recebem imitações semelhantes tão bem. O interagente afirma que isto demonstra o quanto o presidente eleito é tolerante, visto que não teve problema nenhum com a imitação que Carioca fez dele, ao contrário, ainda ajudou a divulgá-la (mesmo ela, em sua opinião, sendo ofensiva à sua imagem). Na Figura 12, por fim, vemos esses “outros políticos” personificarem-se parcialmente como “esquerdistas”, os quais, segundo o interagente, processariam e censurariam o humorista caso estivessem no lugar de Bolsonaro – o que demonstra o quanto o presidente é diferenciado.

Figura 10 – Comentário de exaltação à publicação dos vídeos por Bolsonaro.



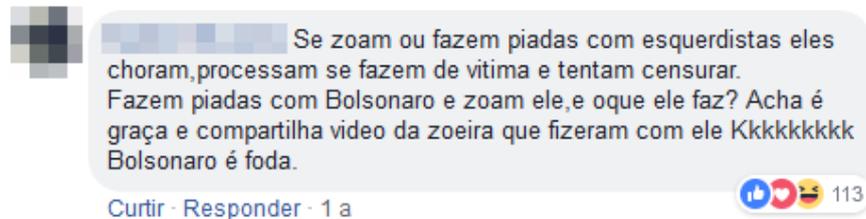
Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

Figura 11 – Comentário que compara a atitude de Bolsonaro à de “outros políticos”.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

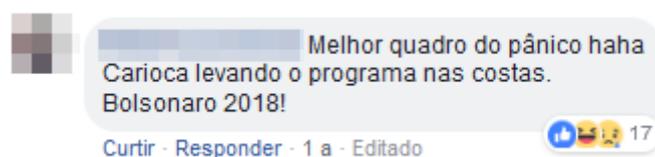
Figura 12 – Comentário que compara a atitude de Bolsonaro à que os “esquerdistas” teriam na mesma situação.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

Outro momento no qual é feita a comparação com a esquerda é nos elogios direcionados especificamente ao humorista. A comparação, entretanto, não se dá com relação a comediantes externos, supostamente “de esquerda”, mas sim ao próprio programa. O usuário autor do comentário da Figura 13 afirma que o Mitadas do Bolsonabo não só seria o melhor quadro do Pânico como também o responsável por manter a sua audiência; já na Figura 14, o usuário alega que o quadro estaria “endireitando à força” o apresentador-chefe, Emílio (supostamente de esquerda)<sup>44</sup>.

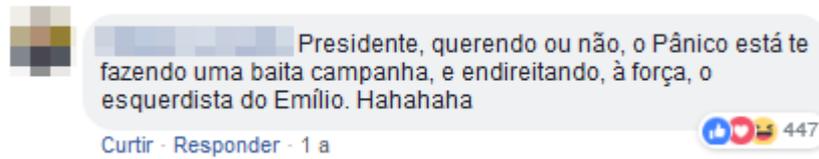
Figura 13 – Comentário que atribui a audiência do Pânico ao quadro de Carioca.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

<sup>44</sup> Este comentário e o seguinte já seriam exemplos de ódio à esquerda personificado. Optamos por apresentá-los aqui para manter a linha de raciocínio. Além disso, a própria caracterização de Emílio e Zé Pequeno como “esquerdistas” já sugere um desprezo generalizado pelos adeptos da esquerda política.

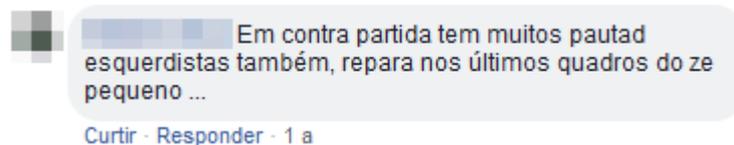
Figura 14 – Comentário que sugere que o Mitadas do Bolsonabo estaria “endireitando” o apresentador-chefe, Emílio.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

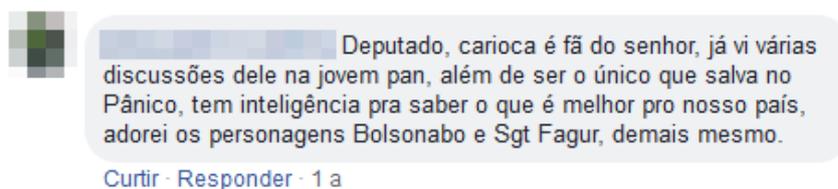
Na Figura 15, o usuário afirma que, por mais positivo que o Mitadas do Bolsonabo seja, ainda há diversos quadros “esquerdistas”, como o de Zé Pequeno<sup>45</sup>. O comentário da Figura 16, por fim, traz um elogio ao humorista e visa tranquilizar Bolsonaro com relação à imitação, visto que Carioca é declaradamente favorável a ele; ainda, segundo o interagente, Márvio seria o único membro “inteligente” do Pânico. Comparando os quatro comentários, podemos concluir que o restante do programa não é bem visto pelos usuários por ser composto por quadros e/ou integrantes de esquerda, ao que Carioca seria uma exceção positiva.

Figura 15 – Comentário que contrapõe o posicionamento “de direita” de Carioca ao “de esquerda” de Zé Pequeno.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

Figura 16 – Comentário que tranquiliza Bolsonaro com relação à imitação por Carioca apoiá-lo.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

<sup>45</sup> No quadro, o ator Leandro Firmino (Zé Pequeno) simulava situações de desrespeito ou discriminação social nas ruas, a fim de perceber como os presentes reagiam.

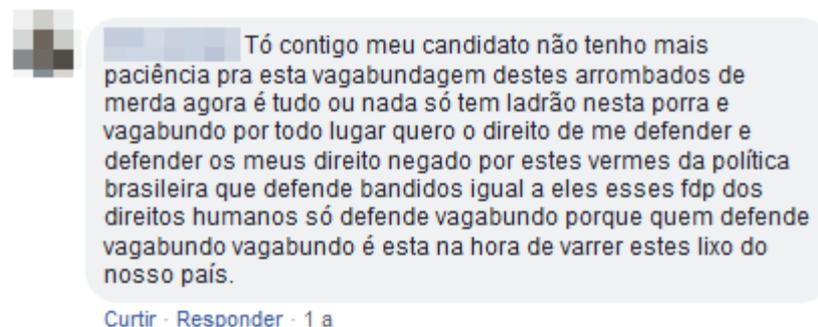
As outras incidências de desprezo à esquerda estavam expressas em manifestações favoráveis à eleição de Bolsonaro em 2018 – estas efetivamente dotadas de um ódio biopolítico. No primeiro comentário (Figura 17), o usuário alega que o então deputado seria a única opção para “dedetizar, despetizar e desesquerdizar o Brasil”. No comentário seguinte (Figura 18), o usuário é mais incisivo: fala da necessidade de “varrer” os “vagabundos” do país (os quais também identifica por uma série de outros xingamentos de baixo calão). A referência à esquerda não é feita de forma direta, mas fica implícita pela menção aos direitos humanos, pauta defendida pela esquerda e atribuída a ela pejorativamente pelos indivíduos de direita. Para o usuário, os direitos humanos só serviriam para defender “vagabundos” e impossibilitariam cidadãos como ele de defender-se. O desejo de defesa é evidenciado também na Figura 19, na qual o interagente pergunta a Bolsonaro qual será a sua “ordem” para a segurança: se a liberação do porte de arma, a redução da maioria penal ou a pena de morte para os “marginais drogados”.

Figura 17 – Comentário que afirma que Bolsonaro é a única opção para “dedetizar” o Brasil.



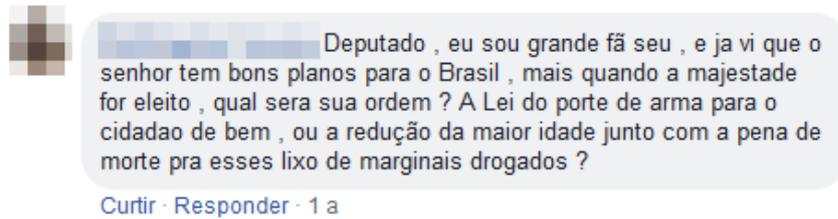
Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

Figura 18 – Comentário de descontentamento com os “vagabundos” de esquerda.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

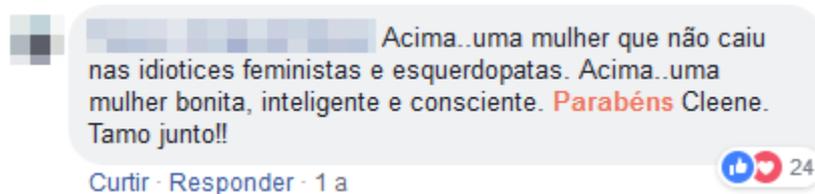
Figura 19 – Comentário de questionamento sobre as medidas de Bolsonaro para a segurança.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

Um último recorte que cabe fazermos nesta categoria é o de gênero. Após uma usuária<sup>46</sup> declarar-se favorável a Bolsonaro, diversos interagentes parabenizaram-na. Um deles, cujo comentário apresentamos na Figura 20, elogiou-a por não se permitir influenciar pelas “idiotices feministas e esquerdopatas” (dando a entender que o feminismo é uma filosofia de esquerda). Ressaltou, ainda, que ela era uma mulher bonita, inteligente e consciente – sugerindo que as feministas não o seriam. Trata-se de uma interação personificada, mas cujo ódio destina-se à esquerda política e, em especial, às mulheres que a ela aderem.

Figura 20 – Comentário de crítica à esquerda e ao feminismo.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

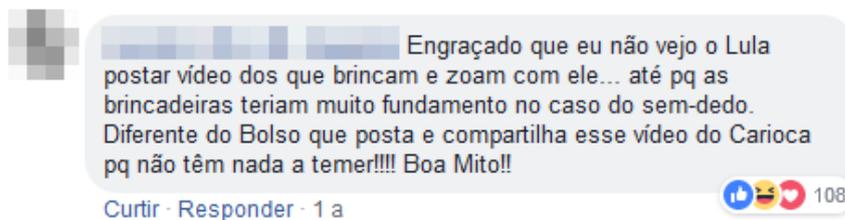
#### 4.3.2 Ódio biopolítico direcionado a personalidades políticas de esquerda

Os comentários que trazemos a seguir também carregam indícios de ódio biopolítico à esquerda, mas, desta vez, concentrado em personalidades políticas e midiáticas específicas. As principais figuras mencionadas pelos usuários foram o ex-presidente Lula, a ex-presidenta Dilma, a deputada Maria do Rosário, a drag queen Pabllo Vittar, a jornalista Patrícia Lellis e o também candidato à presidência Ciro Gomes.

<sup>46</sup> Neste e em outro caso, optamos por manter o primeiro nome dos usuários, para facilitar a compreensão do desenrolar das interações.

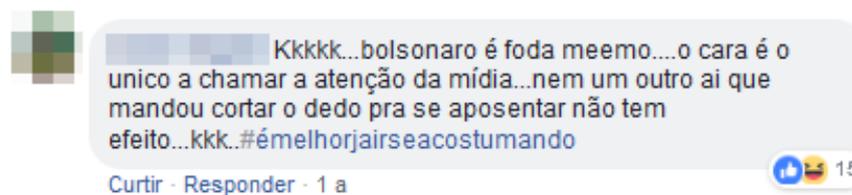
O ex-presidente foi citado pelos usuários como exemplo de político que se ofenderia caso um humorista fizesse uma imitação sua: na Figura 21, o usuário alega que nunca viu Lula publicar conteúdos cômicos relacionados a si, diferentemente de Bolsonaro, que o faz por não ter “nada a temer” (o que sugere que o ex-presidente tem). Já na Figura 22, o usuário atribui o não-compartilhamento de conteúdos cômicos por Lula não à sua compreensão como uma ofensa, mas sim pela sua inexistência, visto que o ex-presidente não receberia a mesma atenção da mídia que Bolsonaro. Nota-se que em ambos os comentários o fato de o ex-presidente não possuir um dos dedos é explorado como motivo de chacota por parte dos usuários.

Figura 21 – Comentário no qual a recepção dos vídeos por Bolsonaro é comparada à que Lula supostamente teria.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

Figura 22 – Comentário que atribui o não-compartilhamento de conteúdos cômicos por Lula ao fato de que eles não existem.

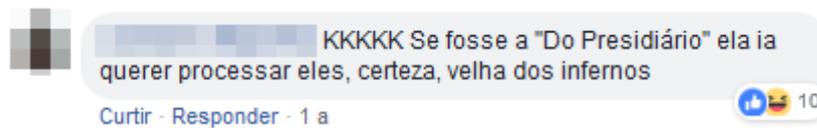


Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

Maria do Rosário também foi comparada a Bolsonaro de forma semelhante. No comentário da Figura 23 o usuário alega que, se fosse ela no lugar do presidente, já teria processado o Pânico. Chama a atenção o apelido utilizado para se referir à deputada, cuja utilização evidenciamos mais de uma vez entre os usuários: “Maria do Presidiário”, fazendo referência à sua proximidade com o ex-presidente Lula. Na Figura 24, o interagente parte da

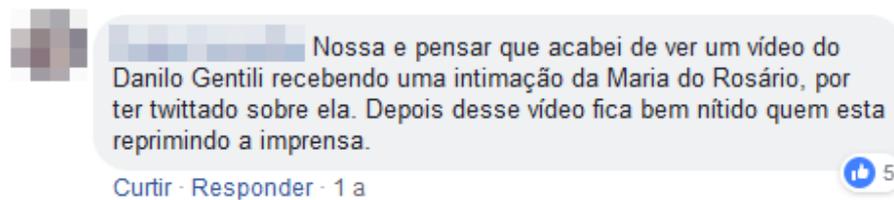
disputa judicial entre Maria do Rosário e o comediante Danilo Gentili<sup>47</sup> para afirmar que é a deputada que reprime a imprensa, e não Bolsonaro, que estava compartilhando o vídeo de uma sátira sua. O comentário surge em referência à afirmação comum de que o presidente queria censurar os veículos de mídia.

Figura 23 – Comentário no qual a recepção dos vídeos por Bolsonaro é comparada à que Maria do Rosário supostamente teria.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

Figura 24 – Comentário no qual a recepção dos vídeos por Bolsonaro é comparada à que Maria do Rosário teve, com base na disputa judicial entre ela e Danilo Gentili.

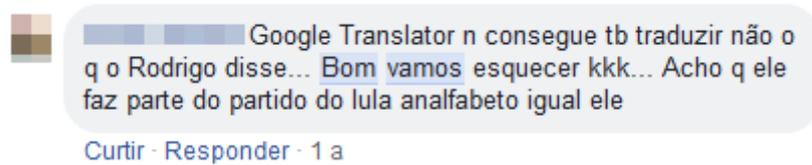


Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

Outro exemplo da desqualificação de Lula se dá através da atribuição de certas características e “comportamentos” a ele e seus seguidores. O comentário da Figura 25 foi feito após um usuário proferir um comentário sem muito sentido, o qual ninguém compreendeu; o interagente, então, atribuiu a dificuldade do outro em formular seu pensamento ao fato de que, provavelmente, era “analfabeto” como o ex-presidente. O mesmo se fala da ex-presidenta Dilma, motivo de chacota por algumas de suas falas públicas terem sido confusas.

<sup>47</sup> GAZETA DO POVO. Justiça mantém condenação de Danilo Gentili a deputada Maria do Rosário. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 14 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/justica-mantem-condenacao-de-danilo-gentili-a-deputada-maria-do-rosario-dpxwqu73v58uat992g8t7hw7b/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

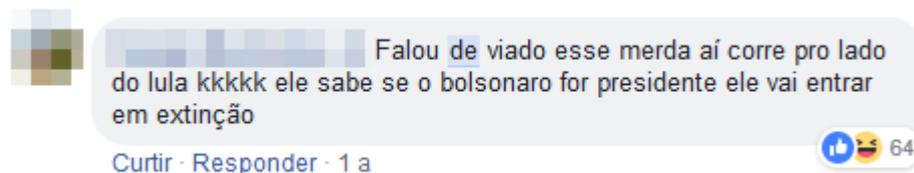
Figura 25 – Comentário que atribui a dificuldade de outro interagente em formular seu pensamento ao mesmo “analfabetismo” de Lula.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

A Figura 26 também é um exemplo que surge a partir de outro comentário. Após um primeiro interagente ter se manifestado de forma favorável ao ex-presidente Lula<sup>48</sup>, o usuário da Figura afirmou que isso se devia ao fato de ele ser “viado”, já que, se Bolsonaro fosse eleito, os “viados” entrariam em “extinção”. A afirmação levantou uma discussão extensa a respeito do posicionamento de Bolsonaro (e dos usuários) sobre a homossexualidade: grande parte deles afirmou que não era contra os homossexuais, apenas não queria que eles expusessem suas “práticas” publicamente e tentassem “impô-las” às crianças em medidas como o “kit gay”. O usuário, porém, ainda irado com o fato de o primeiro interagente ter defendido Lula, afirma que não só Bolsonaro não gosta de gays como ele também não gosta (Figura 27), justificando o comentário como sua “opinião” – um argumento semelhante ao utilizado pelos comediantes adeptos do humor politicamente incorreto acrítico, como vimos anteriormente.

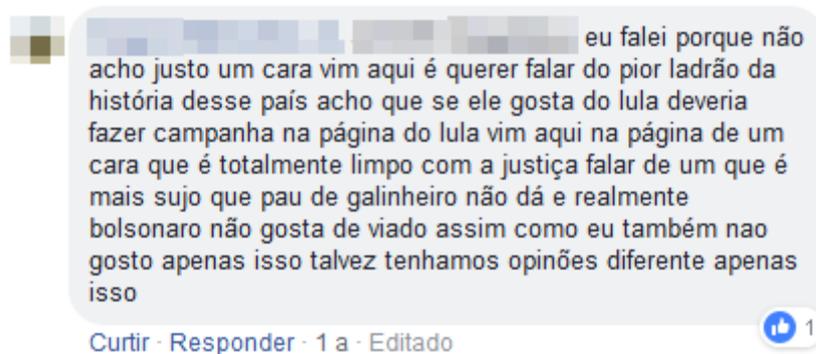
Figura 26 – Comentário que alega que a opção dos gays era voltar-se a Lula, visto que, se eleito, Bolsonaro iria “extingui-los”.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

<sup>48</sup> Não tivemos acesso ao comentário em questão, ou em função do filtro de relevância ou por ele ter sido apagado pelo usuário ou pela página.

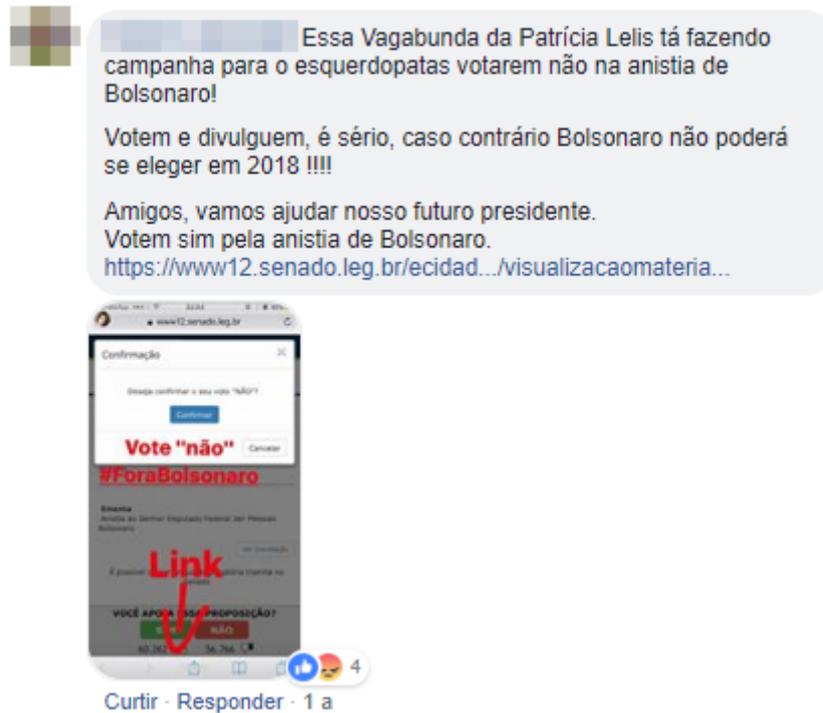
Figura 27 – Comentário no qual o usuário afirma que tanto Bolsonaro como ele não gostam de “viados”.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

Nesta categoria também apareceram exemplos de ódio biopolítico relacionado a gênero. Além do caso de Maria do Rosário, houve um comentário relacionado a Patrícia Lellis, ex-noiva de Eduardo Bolsonaro que o denunciou pelas ameaças que sofreu dele. O comentário (Figura 28) faz referência à votação da anistia de Jair no caso das ofensas que proferiu a Maria do Rosário, contra a qual Patrícia (chamada de “vagabunda”) estaria fazendo campanha. É interessante destacar que, neste caso, a responsável pelo comentário foi uma mulher. Ou seja: mesmo estando na mesma condição biológica de Lellis, a usuária reconhece esta como “inferior”.

Figura 28 – Comentário no qual Patrícia Lellis é chamada de “vagabunda” por fazer campanha contra Bolsonaro.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações da usuária feitos pela autora.

#### 4.3.3 Ódio biopolítico direcionado a usuários de esquerda

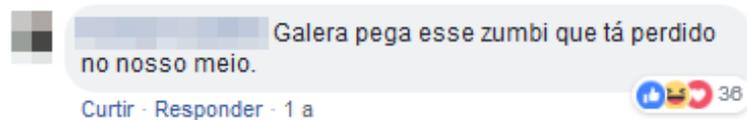
Nossa análise permitiu levantar apenas um exemplo significativo de ódio direcionado a usuários; entretanto, ele é bastante significativo para demonstrar o tratamento dado a opositores pelos seguidores de Bolsonaro. Após um usuário fazer um comentário de crítica ao presidente eleito<sup>49</sup>, uma enxurrada de comentários contrários recaiu sobre ele. No primeiro deles, o usuário incita os demais a pegarem o “zumbi”<sup>50</sup> perdido entre eles (Figura 29); em seguida, outro interagente sugere que Diego, autor do comentário original, vá acessar a página Quebrando o Tabu (considerada de esquerda), ler Capricho (revista feminina), escutar Restart (banda adolescente) ou “morder a fronha” (expressão pejorativa utilizada para se referir à relação

<sup>49</sup> Ao qual, como em um dos exemplos citados anteriormente, também não tivemos acesso.

<sup>50</sup> Curioso se pensarmos que é justamente a expressão que Schirmer (2017, p. 18) utiliza para descrever o homo sacer de Agamben: “o homem sacro é um morto vivente, uma espécie de zumbi que ninguém se importa em matar, visto que por mais que pareça humano, não é aceito na sociedade como um.”. Também e principalmente se considerarmos que foi dessa forma que Bolsonaro se referiu a opositores que protestaram durante sua visita aos Estados Unidos (BOLSONARO, J. (Jair Messias Bolsonaro). “- **Nos Estados Unidos zumbis protestam contra Bolsonaro. - Quase morri, ... de rir.**”. 11 out. 2017. Post do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/-nos-estados-unidos-zumbis-protestam-contra-bolsonaro-quase-morri-de-rir/931246347024352/>>. Acesso em: 22 nov. 2018.).

sexual entre dois homens), mas não comentar nas publicações de Bolsonaro (Figura 30). Como nas Mitadas do Bolsonabo, a homossexualidade é utilizada como forma de desqualificar indivíduos, mesmo que em nenhum momento a sexualidade do outro interagente tenha ficado explícita.

Figura 29 – Comentário que faz referência ao opositor político como “zumbi”.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações do usuário feitos pela autora.

Figura 30 – Comentário que explora a feminilidade e a homossexualidade como formas de desqualificar o interagente.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações dos usuários feitos pela autora.

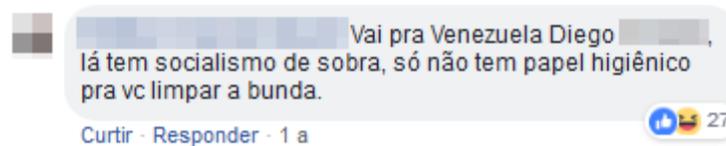
Um dos usuários, então, acessou o perfil de Diego e viu pela sua foto de capa que ele era favorável ao socialismo – imagem que divulgou para os demais nos comentários da publicação (Figura 31). Isso deu vazão a uma série críticas ao usuário (e ao socialismo): um deles sugeriu que Diego fosse para a Venezuela, já que era adepto da forma de governo vigente lá (Figura 32); outro interagente insinuou que o posicionamento de Diego era sinal de uma manipulação extrema, e que o usuário provavelmente “comeria bosta” caso a “esquerda” lhe mandasse (Figura 33); ao final do comentário, ainda fez referência à memória do Coronel Ustra e chamou os comunistas de “lixos”. O último interagente, por fim, mandou Diego comer capim, chamando a ele e aos petistas de burros através de uma imagem (Figura 34), como vimos ocorrer em um dos exemplos apresentados anteriormente.

Figura 31 – Comentário que expõe o perfil do “opositor” para os demais.



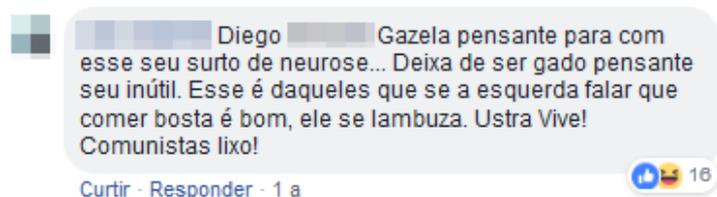
Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações dos usuários feitos pela autora.

Figura 32 – Comentário que sugere que o interagente mude-se para a Venezuela, já que é adepto do socialismo.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações dos usuários feitos pela autora.

Figura 33 – Comentário que sugere que o interagente seria manipulado por pensar da forma que pensa.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações dos usuários feitos pela autora.

Figura 34 – Comentário que chama o interagente e os petistas de burros através de uma imagem.



Fonte: Página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Recorte e cobertura das informações dos usuários feitos pela autora.

O que as três categorias e seus respectivos exemplos ilustram é que o maior alvo do ódio biopolítico dos apoiadores de Bolsonaro é a esquerda política – tanto no âmbito individual como no coletivo. Os comentários dos usuários sugerem a compreensão da esquerda como uma “praga” que precisa ser “exterminada” do país para garantir o seu desenvolvimento (o que, como demonstramos em momento anterior, o presidente eleito também já afirmou). Nas manifestações favoráveis ao armamento, vemos o ódio biopolítico manifestar-se ao extremo: a proteção e a ordem, para essas pessoas, está associada à eliminação dos “outros”.

É interessante notar como o asco à esquerda é tão grande a ponto de acoplar diversos posicionamentos político-ideológicos distintos sob um mesmo rótulo. No caso do usuário Diego, que trouxemos como exemplo na última categoria, vimos desencadear-se uma corrente de associações: por ser favorável ao socialismo, os demais usuários supuseram que, logo, ele era petista e comunista. Na primeira categoria, vimos ser chamados de “esquerdistas” inclusive pessoas que são declaradamente contrárias à esquerda política, como o apresentador-chefe do Pânico, Emílio Surita.

A maior incidência ter sido de comentários despersonalizados já é indicativa do desprezo dos apoiadores de Bolsonaro pela esquerda política. Tratam-na como uma massa amorfa, à qual se atribuem posicionamentos e atitudes e com a qual não há interesse em debater. Ao mesmo tempo, nos comentários personalizados (tanto em políticos como em usuários), vemos que o fato de um indivíduo ser de esquerda “autoriza” as demais a ofendê-las e até ameaçá-las – torná-las, por fim, *homo sacer*.

Isso é especialmente visível se compararmos o tratamento dado à usuária Cleene, que se declarou favorável a Bolsonaro, e Patrícia Lellis, contrária ao presidente eleito: enquanto uma é elogiada, chamada de linda e inteligente, a outra é tratada como uma “vagabunda” que se precisa impedir. O mesmo com relação à deputada Maria do Rosário, referida pelos usuários por expressões e apelidos pejorativos, como “Maria do Presidiário”. Nesses casos, o ódio que é motivado pelo posicionamento político-ideológico é acrescido do fator de gênero, resultando em uma dupla discriminação.

Isso também se evidencia no que tange à homossexualidade. Alguns dos exemplos trazidos demonstram que a forma como os usuários apoiadores de Bolsonaro veem esta orientação sexual é exatamente a mesma que Bolsonaro e sua trupe: como algo errado e que não se deve tolerar – utilizando a terminologia foucaultiana, como algo “anormal”. Nota-se que expressões pejorativas semelhantes às usadas pelo personagem, como “viado” e “morde-fronha”, são exploradas pelos interagentes como forma de deslegitimar a fala daqueles que pensam diferente – mesmo que em nenhum momento a sexualidade dos opositores políticos tenha ficado explícita.

Ao mesmo tempo, os usuários não reconhecem suas falas como dotadas de ódio, muito pelo contrário. De maneira semelhante aos comediantes adeptos do humor politicamente incorreto acrítico, consideram seus argumentos como “opinião” e, portanto, justificáveis. O problema, para eles, não está nas coisas que dizem, mas sim na própria esquerda, que quer proibi-los de falar o que pensam. É por personificar exatamente o oposto a ela e tudo o que representa que os interagentes acreditam que Bolsonaro é a “mudança” de que o país precisa.

## 5 CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi evidenciar como se deu a circulação do ódio biopolítico em postagens de humor feitas pelo presidente eleito Jair Bolsonaro em sua página no Facebook durante o ano de 2017. As publicações às quais nos ativemos são relativas ao quadro *Mitadas do Bolsonabo*, do programa *Pânico da Band*, no qual o humorista Márvio Lúcio (Carioca) ia às ruas caracterizado de forma semelhante ao então pré-candidato à presidência e respondia às perguntas de seus espectadores. Para isso, partimos dos conceitos de mídiatização, circulação (BRAGA, 2006, 2012; FAUSTO NETO, 2008, 2010), cômico, humor (BERGSON, 2018; GRUDA, 2013), biopolítica (FOUCAULT, 1988, 1999; AGAMBEN, 2002) e discurso (FOUCAULT, 2014; ORLANDI, 2005).

Os dois primeiros, mídiatização e circulação, utilizamos como forma de contextualizar a situação atual da comunicação e da relação dos sujeitos, instituições e campos sociais com a mídia, em especial no que tange à política. A apropriação de *Bolsonabo* por Bolsonaro é um exemplo que evidencia perfeitamente os diferentes caminhos que um mesmo produto pode tomar na sua circulação, e mesmo os caminhos que o precedem e o levam a se constituir como tal. Além disso, é sugestivo de como o campo político passou a funcionar com a emergência da mídiatização: não mais a mídia como um corpo “externo” fala de Jair Bolsonaro a seus potenciais eleitores, mas o próprio presidente eleito dirige-se diretamente a eles através da mídia (inclusive, utilizando-se de outra mídia, esta “tradicional”).

O terceiro e quarto conceitos, o de cômico e o de humor, exploramos na intenção de demonstrar como o discurso humorístico não é neutro, mas sim carrega traços da visão de mundo de quem o profere. No caso das *Mitadas de Bolsonabo*, vamos ainda mais além e julgamos que apresenta resquícios de um ódio de caráter biopolítico contra certos grupos sociais – categoria que construímos em nosso grupo de pesquisa a partir do quinto conceito apresentado, o de biopolítica. O discurso, por sua vez, serviu como operador tanto teórico como metodológico, visto que foi através da sua análise que constatamos as incidências de ódio. Essa análise, por sua vez, se dividiu com relação às postagens e aos comentários. Aprofundamo-nos em quatro dos vídeos publicados por Bolsonaro, detalhando, em um primeiro momento, as piadas manifestadas nos vídeos e, em um segundo, os comentários feitos pelos usuários nas postagens.

Nas “mitadas” de *Bolsonabo*, identificamos quatro objetos principais: mulheres, gays, aparência física e atuação dos espectadores. Concluimos que não é possível afirmar que todas elas carregam ódio biopolítico em si. Isso ficou evidente apenas nas duas primeiras, nas quais o gênero e a orientação sexual eram explorados como forma de reduzir e discriminar os

indivíduos. Também foi nestas duas que identificamos a maior aproximação entre Bolsonabo e Bolsonaro. Quanto às duas outras categorias, mesmo que não se possa dizer que contenham um “ódio”, é evidente que se constroem a partir de características biológicas ou inerentes aos indivíduos e carregam, no mínimo, um desprezo por elas. Em muitos casos, são até desrespeitosas.

No que tange aos comentários, por sua vez, concluímos que mantinham pouca relação com o humor expresso nos vídeos, com exceção do tratamento dado a mulheres e gays ser semelhante. O que evidenciamos neles foi principalmente um ódio direcionado à “esquerda” – tanto no âmbito individual, na figura de usuários e personalidades específicas, como no coletivo, como uma “entidade” generalizada. Bolsonaro é, para seus seguidores, o único capaz de tirar o país do caos – econômico, político e moral – que os governos do Partido dos Trabalhadores instauraram no país.

Com relação à responsabilidade do presidente eleito nesse processo, concluímos, a partir de um dos 23 vídeos em questão, que ele não só estava consciente da discriminação presente nos discursos do personagem como “autorizou” o humorista a continuar proferindo-os em seu nome. A nosso ver, isso pode ser compreendido como uma forma de o presidente propagar o ódio biopolítico que sempre propagou, mas que se viu obrigado a suavizar devido às cobranças da mídia, da sociedade em geral e da justiça. Desta forma, podemos afirmar que expressões humorísticas como a de Carioca servem para fortalecer e consolidar os valores do conservadorismo, tão caros a Bolsonaro e decisivos na sua vitória nas urnas.

Entretanto, vale destacar que a responsabilidade não é apenas de Bolsonaro ou de Carioca. Se Bolsonabo fez tanto sucesso a ponto de render 33 episódios no programa Pânico na Band e a publicação de 23 vídeos relativos a ele por parte da personalidade à qual remete, isso sem contar a série de apresentações do humorista pelo Brasil e os diversos outros vídeos publicados em seu canal do YouTube, todos com um número considerável de acessos, foi só porque houve quem aprovasse seus discursos. Um humor mais respeitoso indubitavelmente passa por uma mudança na mentalidade do público. E esta, por sua vez, só será possível com uma educação mais crítica. Esperamos que essa breve reflexão possa contribuir para isso.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Edipro, 2018.
- BLOEDOW, A. M. U.; GUIZZO, B. S. Representações de mulheres no quadro Mulheres Papáveis do programa Pânico na Band. **Humanidades**, Fortaleza, v. 30, n. 1, p. 115-133, jan./jun. 2015.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JR, J.; JACKS, N. (Orgs.). **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: COMPÓS, 2012, p. 31-52.
- BRAGA, J. L. Mediatização como processo interacional de referência. **Animus**, Santa Maria, v. 5, n. 2, p. 9-35, jul./dez. 2006.
- BRAGA, J. L. Circuitos de comunicação. In: BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. (Orgs.). **Matrizes Interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: EDUEPB, 2017.
- CABRAL, L. M. O.; TEIXEIRA, R. O limite do humor televisivo na atualidade e seu contexto histórico. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu (PR), 02 a 05 de setembro de 2014. In.: **Anais...** São Paulo: Intercom, 2014, p. 1-14.
- CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SCHIRMER, L. C. **#GamerGate Controversy**: o discurso de ódio biopolítico no Universo Gamer. 2017. 49 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Produção Editorial)–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.
- FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.
- FAUSTO NETO, A. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, A.; VALDETTARO, S. (Orgs.). **Mediatización, Sociedad y Sentido**: diálogos entre Brasil e Argentina. Rosario: Universidad Nacional de Rosario, 2010, p. 2-15.
- FAUSTO NETO, A.; RUBIM, A. C.; VERÓN, E. **Lula presidente**: televisão e política na campanha eleitoral. São Paulo: Hacker; São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- FOUCAULT, M. Direito de morte e poder sobre a vida. In.: FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 125-149.
- FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In.: FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285-315.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GRUDA, M. P. P. Questionando alguns argumentos-base que sustentam um tipo de discurso humorístico politicamente incorreto. **Grau Zero**, Alagoinhas, v. 1, n. 1, p. 303-322, jan./jun. 2013.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

PELBART, P. P. Biopolítica. In.: PELBART, P. P. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2009.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REGIANI, H. **Memetizando e midiaticizando**: memes como estratégia discursiva evangélica. 2017. 128 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação)–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

VOLCAN, T. O. **O papel do humor no discurso político**: Uma análise dos perfis Dilma Bolada e Dilma Rousseff no Facebook. 2014. 128 p. Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2014.